



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

KAROLYNE TUYANE SANTARÉM DA SILVA

HIP-HOP: INSTRUMENTO SOCIAL DE LUTA E RESISTÊNCIA
PERIFÉRICA E FEMINISTA.

Brasília

2018

KAROLYNE TUYANE SANTARÉM DA SILVA

**HIP-HOP: INSTRUMENTO SOCIAL DE LUTA E RESISTÊNCIA
PERIFÉRICA E FEMINISTA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao departamento de Serviço Social – SER do Instituto de Ciências Humanas - IH na Universidade de Brasília – UnB, como requisito de obtenção de título de Bacharel em Serviço Social.

Brasília

2018

KAROLYNE TUYANE SANTARÉM DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao departamento de Serviço Social – SER do Instituto de Ciências Humanas - IH na Universidade de Brasília – UnB, como requisito de obtenção de título de Bacharel em Serviço Social.

**HIP-HOP: INSTRUMENTO SOCIAL DE LUTA E RESISTÊNCIA
PERIFÉRICA E FEMINISTA.**

Brasília, 28 de Novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Newton Narciso Gomes Junior
(Orientador PPGPS/SER/UnB)

Profª Patrícia Cristina Pinheiro de Almeida
(SER/UnB)

Verônica Diano Braga
(Pedagoga/Mestra em Educação)

Em primeiro lugar dedico este trabalho as mulheres da minha vida, minha mãe Meyre Walda, o meu maior motivo e incentivo, e minha avó Lolita por desde sempre ter se dedicado a me ensinar as tarefas da escola e por despertar em mim a paixão pelos estudos.

Em segundo lugar dedico a todos aqueles que desejam revolucionar a sociedade através do Hip-Hop.

*Para João Gualberto Santarém, in memoriam.
Levo-te para sempre em meu coração, paiinho.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer aquele que me rege e me guia por ter me sustentado e dado forças para continuar minha graduação durante quatro anos na Universidade de Brasília, um local que nunca foi pensando para aqueles que são periféricos.

Agradeço à minha mãe por insistir na minha formação e ser meu apoio, sem o qual nada seria possível. Foi através dela que também tive o primeiro contato com o feminismo – mesmo sem ela saber – pois sempre foi um exemplo de mulher guerreira e batalhadora que nunca abaixou a cabeça para as diversidades impostas pela sociedade. Ao meu pai Euclides por todo amor incondicional, ao meu Irmão Jefferson, por sempre ser um exemplo. E a mainha e ao painho por todo carinho e amor.

Sou grata ao meu orientador & professor Newton Narciso pela generosidade. Agradeço também ao meu companheiro Artur Tarcísio por toda paciência e lealdade, pelas grandes doses de carinho e estímulo, pelas conversas e por dividir a vida comigo.

Principalmente ao meu amigo Leonardo Dias por toda ajuda e força, pois sem ele meu trabalho não seria o mesmo, e também as minhas parceiras Perolatina e Lis, por nunca me deixarem falando.

A todas as integrantes do coletivo Batalha das Gurias, que colaboraram imensamente não só para o trabalho, mas também no meu desenvolvimento como ser humano, ainda que algumas venham a discordar de minhas interpretações.

E aos meus amigos do coletivo Batalha da Escada, por todo apoio e incentivo, mas principalmente por mostrar semanalmente a resistência periférica que é o Hip-Hop em um lugar tão elitizado quanto a universidade.

A toda a equipe do Núcleo de Estudo da Infância e Juventude(NEIJ) ao qual fui estagiária por dois anos e aprendi muito sobre o que é ser profissional e também mulher.

Agradeço a banca examinadora formada por meus professores da graduação Newton Narciso e Patrícia Pinheiro e a professora de vida e Hip-Hop Vera Verônika que foram pensados com muito carinho e composta por pessoas que eu simplesmente admiro muito!

Por fim, agradeço a minha família e aos amig_s e coleg_s de profissão que fiz ao longo da graduação.

Fé em Deus que ele é justo!

O sistema tem que chorar, mas não com você matando na rua, o sistema tem que chorar vendo a sua formatura.

Facção Central

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre o Hip-Hop, principalmente o *RAP* e as batalhas de rimas do Distrito Federal (DF). O olhar também reflete em como as mulheres conquistaram esse espaço de luta e reivindicação. Analisando como as contradições de gênero se manifestam dentro do movimento Hip-Hop. A metodologia utilizada foi de revisão bibliográfica no primeiro momento, já no segundo momento a pesquisadora se dedicou a conversar e ouvir histórias de pessoas que desejam revolucionar a sociedade com o *RAP*. O objetivo geral é discutir a questão das mulheres no *RAP* do DF. O resultado obtido pela pesquisadora foi a confirmação de que o Hip-Hop é um espaço de luta muito importante para as mulheres. Mas o fato de existir uma batalha feminina não anula o patriarcado existente, apenas quando o Mc do sexo masculino está disposto a ouvir o que as MCs têm para dizer.

Palavras-chave: Hip-Hop, Batalhas de rima, Batalha das Gurias. Feminismo.

ABSTRACT

This paper is an analysis of hip-hop, specifically Rap and girls hip-hop battle in Distrito Federal (Brazil), in context reflects how women conquered space with struggles and claims. Analysing as the contradiction of gender appears inside the hip-hop. First time the methodology used was the bibliographic review than in second time the researcher collected information from groups wishes to revolutionise the community using the RAP. The real reason this's project is to discuss about women in RAP from Distrito Federal (Brazil). The result of survey is Hip-hop it's a important women space for struggle and dedication. But the fact there is a girls battle doesn't nullify existing machismo, only when the men MC are willing to listen to what women have to say.

Key words: hip hop, rap battles, Batalha da Gurias, feminism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
METODOLOGIA	13
1. PASSADO E PRESENTE DA LUTA FEMINISTA E O HIP-HOP	15
1.1 Breve Resgate histórico dos Movimentos Feminista	15
1.2. O papel do Feminismo Classista no Brasil	17
1.3. Hip-Hop: instrumento de resistência política da Periferia	20
1.3.1. Hip-Hop enquanto Movimento Social.....	20
1.3.2. Diferenças entre o Hip-Hop Norte-Americano e o Brasileiro.....	22
1.3.3. Hip-Hop como resistência contra a criminalização.....	24
1.4. O papel das mulheres contra o machismo no Hip-Hop	29
2. A CENA DO HIP-HOP DO DISTRITO FEDERAL	31
2.1. Cena Contemporânea do HIP-HOP no DF	31
2.2. Batalha Das Gurias: Batalha de Rima é lugar de Mina	32
2.3. As MCs brasilienses: gênero e machismo	35
3.EU LORAK	43
3.1. O manifesto	43
3.2. A Sociedade e o Rap na perspectiva de uma MC	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma reflexão sobre o Hip-Hop como um instrumento de luta política e emancipatória para as classes menos privilegiadas. Utiliza-se o Hip-Hop como instrumento de reivindicação para denunciar vulnerabilidades vivenciadas pelas classes populares no cotidiano, provocadas pelo modo de produção e reprodução da vida social capitalista refletido no Estado e na sociedade. O olhar da pesquisadora recai, também, em como as mulheres conquistaram esse espaço de luta e reivindicação que por muito tempo foi predominantemente masculino, sendo apropriado pelo segmento feminino como um espaço que aborda as agressões – físicas verbais e psicológicas – e violações de direitos que sofrem como mulheres, não só pelo seu gênero, mas também pela classe social a que pertencem.

Por um longo período na história econômica, social e política da humanidade as mulheres foram invisibilizadas e excluídas da construção da sociedade civil, que dava a elas vários direitos, inclusive de participar da vida política que nada mais são do que as instituições sociais, cívicas ou organizações que se estruturam como base para uma sociedade impondo seus costumes e convicções. Com a exclusão dos espaços políticos não podiam formar e expressar as suas opiniões, assim como não era permitido fomentar a possibilidade de organização política para as mobilizações que julgavam necessárias. Por outro lado, este era um direito assegurado pelo Estado e pela sociedade apenas para os homens, brancos e pertencentes às classes privilegiadas, aquelas que possuíam os meios de produção, terras ou bens. O espaço de poder público era exclusivamente masculino, enquanto o espaço privado, ou seja, o domiciliar e as tarefas associadas a essa dimensão, eram exclusivos para as mulheres, tornando-se um espaço por excelência feminino.

As mulheres periféricas e negras sofrem cotidianamente ataques da sociedade, que se materializam em uma tripla opressão e dominação capitalista, sexista e racista, determinando a sua forma de viver e sobreviver socialmente. Esse impacto nas suas vidas cotidianas pode ser observado desde a precarização da jornada de trabalho e os subempregos, até o racismo institucional que, assim como o patriarcado, se manifesta na estrutura cruel do capitalismo que condena amplos segmentos sociais à marginalidade.

Os espaços de lutas feministas surgem como uma reivindicação política para que as mulheres que por muito tempo foram inferiorizadas agissem na garantia de seus direitos,

possibilitando incluir nos debates a necessidade de combater algumas atitudes que a sociedade no geral praticava que interferiam diretamente na vida das mulheres. Então, neste espaço de disputa política, as mulheres mostravam fatos do cotidiano que violavam seus direitos e apresentavam essas violações em suas reivindicações para que pudessem entender quais eram os fatores que ocasionavam as opressões sofridas. Essas manifestações surgem não apenas como um meio de responder ao conjunto de opressões que o Estado realizava contra as mulheres, mas também como forma de promover mais debates sobre o que levaria a sociedade a continuar assumindo uma postura que vai totalmente contra os direitos delas.

A resistência se ampliou para os diversos espaços que foram ocupados com a representatividade feminina, resultando reivindicações por melhoria de vida e igualdade, entre outros direitos que foram conquistados através das lutas das mulheres, possibilitando o acesso aos espaços públicos, privados e da sociedade, pondo em evidência as várias opressões que sofriam cotidianamente por viverem em uma sociedade classista, machista, racista e sexista.

Entre tantos espaços ocupados pelas mulheres darei foco para o movimento Hip-Hop, objeto de luta e resistência periférica que conseguiu alargar espaços que antes eram predominantemente masculinizados, possibilitando várias mulheres de se expressarem usando seus conhecimentos, estudos, dedicação para entender o que é o Hip-Hop e como poderia ajudá-las na luta por equidade. Tendo conhecimento que de todas as formas essas opressões tentam diminuí-las e desqualificá-las por causa do seu gênero.

Ao longo do trabalho é possível analisar a importância do Hip-Hop e de suas expressões como, por exemplo, as batalhas de rima, também chamadas de duelos, como um movimento social, que visa ser porta-voz da luta e da resistência periférica. Do seu surgimento até a contemporaneidade o Hip-Hop tem por objeto contestar a realidade de descaso e esquecimento que o Estado tem para com as populações menos privilegiadas e as minorias sociais¹, tais como as mulheres. Hip-Hop para além da parte cultural tem sido um instrumento político de luta, que busca a emancipação da população que é atingida pelas mazelas sociais, sofrendo constantemente os ataques de um sistema capitalista, que sempre visa o lucro ao invés do bem-estar social. A periferia utiliza a cultura como instrumento de protesto contra esses ataques, reivindicando melhorias de vida e também de trabalho.

¹ São as relações de dominação entre os diferentes subgrupos na sociedade onde os grupos dominantes determinam como padrão que delinham o que se entende por minoria em cada lugar. Comportamentos discriminatórios e preconceituosos também costumam afetar os grupos minoritários.

Torna-se possível analisar como as contradições de gênero se manifestam dentro do movimento Hip-Hop interferindo na atuação e participação das mulheres neste meio, que tem como essência a utilização da cultura como instrumento de denúncia contra todos os ataques que mulheres e as classes menos privilegiadas sofrem constantemente pela ação ou falta dela advindas pelo Estado e pela sociedade.

O objetivo geral é analisar se a Batalha das Gurias (BDG) no cenário das batalhas de rap no Distrito Federal tem um potencial de combater o patriarcado e o machismo que impera no cenário de Hip-Hop do Distrito Federal, principalmente por ser um espaço predominante masculino. Os objetivos específicos são compostos por: 1) Compreender como foi a luta das mulheres que sofriam agressões, não podendo se manifestar, expressar e denunciar essas violências; 2) Apresentar como esse cenário de violência vem sendo alterado pela intervenção do Hip-Hop e a participação das mulheres nesse movimento; 3) Refletir sobre a importância do Hip-Hop, em sua construção histórica, como um espaço que se converte em luta onde mulheres batalham por seus direitos.

No primeiro capítulo é feita uma revisão bibliográfica sobre o início do movimento feminista, trazendo uma perspectiva não só de gênero, mas também de classe social. Abordando algumas conquistas sobre espaços que antes não se tinha uma representatividade feminina e que passam a contar com a atuação delas, dando foco para o Hip-Hop como movimento social de luta e resistência periférica e feminista, no qual a mulher também conquista seu espaço para abordar questões do seu cotidiano e agressões sofridas.

O segundo capítulo é voltado para o movimento social Hip-Hop do Distrito Federal, trazendo um breve relato do surgimento das batalhas de rima do DF, até os dias atuais. Abordando como temática central a questão de gêneros dentro do movimento e como as mulheres tentam driblar o machismo imposto pela sociedade que se manifesta nas batalhas, criando e mantendo uma batalha exclusivamente feminina, que visa o empoderamento feminino e a ocupação dos espaços.

Por fim o último capítulo assume totalmente um caráter reivindicatório, que não deixa de ser teórico e crítico, transformando a vivência e ponto de vista da pesquisadora sobre o mundo do Hip-Hop em conteúdo. Usando uma linguagem não acadêmica para fazer com que a academia além de respeitar a sua história e de suas companheiras nesse movimento, possa

entender como o Hip-Hop é um movimento social muito importante para a emancipação e resistência de minorias, mostrando na prática o poder de uma mulher rimando.

METODOLOGIA

O método utilizado para fazer essa pesquisa está fundado nas aproximações constantes a partir de uma realidade que se apresenta ao olhar, com limites incertos pela multiplicidade de influências que a conformam. Assim, desde esse geral anárquico, foram sendo eliminados aspectos supérfluos que impediam o acesso à essência do problema de sorte a, superados os aspectos de forma o complexo se revelasse na sua totalidade e concretude.

Para seguir esse caminho o instrumental adotado foi dividido em dois movimentos convergentes e complementares. Inicialmente foi feita a revisão bibliográfica envolvendo palavras chaves inseridas na base de dados do Scielo e secundariamente na plataforma de busca Google acadêmico. As palavras chaves empregadas foram: Hip-Hop, batalhas de rima, batalha das gurias, periferias urbanas e arte, mulheres e o Hip-Hop, pobreza e preconceito nas zonas de periferia urbana.

Dos inúmeros artigos e teses que resultaram da busca optei por selecionar aqueles que tivessem conteúdos associados às mulheres no hip hop e sempre que possível ligado ao Distrito Federal e suas comunidades.

Ainda nesse primeiro movimento vali-me do Google acadêmico com a intenção de descobrir como o Hip-Hop é estudado dentro das instituições de ensino e qual o retorno dessas pesquisas para a comunidade. E também qual a visão dessa comunidade sobre o Hip-Hop.

Após essa busca nas plataformas digitais, consegui fazer um levantamento de aproximadamente 25 textos que se encaixavam com o meu tema, e abarcavam as demandas que vou apresentar.

No segundo movimento, dediquei-me a apresentar a temática da minha pesquisa para os “protagonistas” do Hip-Hop com a finalidade de colher opiniões e identificar dúvidas que possuía a partir da minha percepção individual. Foram longas conversas com mulheres e homens, conhecidas e anônimas, das quais extraí elementos para corrigir e fortalecer argumentos, ou, confirmar minhas convicções mesmo, em alguns casos, diferentes do que pensavam minhas interlocutoras.

Para concluir o esforço, dei voz para Lorak², meu outro eu, meu alter ego, deixando-a revelar sua visão de mundo, suas contradições e perspectivas, fugindo um pouco do ambiente acadêmico, mas sem deixar a teoria e a crítica de lado.

A combinação entre a teoria e o mundo real desembocou neste trabalho que, sob meu entendimento, expõe o Hip-Hop a partir do olhar feminista e classista, como instrumento de luta emancipatória.

² Lorak é o alter ego da pesquisadora, que se apresenta na figura de uma MC de batalhas de rima de rap, optando a utilização dessa identidade como elemento transversal no trabalho para mostrar na prática como o Hip-Hop é um instrumento de luta e resistência periférica.

1. PASSADO E PRESENTE DA LUTA FEMINISTA E O HIP-HOP

*“[...]Mais uma favelada
Que a polícia não matou
Não sou sujeita passiva
Meu forte não é ser espectadora
No grande palco da vida
Sou protagonista e também diretora
Cansada de ver tantas pessoas
Que mesmo indignadas
Se calam com a injustiça
Achando que nunca vai dar em nada[...]”
(MC Debrete³ - Sou porque somos)*

1.1. Breve Resgate histórico dos Movimentos Feministas

Durante muito tempo na história da humanidade às mulheres não eram permitidas na participar da vida civil da sociedade. Cultura ainda presente em pleno século XXI os homens acreditavam que os pais, irmãos ou maridos representariam as mulheres muito bem, transferindo sua atuação para o lar, pois sua obrigação era cuidar da casa e da família. Assim, privadas de autonomia, o lar era de fato um espaço de submissão e abusos onde deveriam imperar o silêncio e a obediência requerida através da submissão a qualquer homem da família.

O feminismo surge como uma corrente reivindicatória para que as mulheres, que por muito tempo foram violentadas em todos os sentidos sem que o Estado agisse na garantia de seus direitos, pudessem assegurar e conquistar os seus direitos. Suas primeiras manifestações remontam o final do século XIX e início do século XX, na forma de um movimento liberal de luta dirigido por mulheres brancas de classe média que preconizavam a igualdade de direitos

³ Rapper e compositora ceilandense (DF) suas músicas, refletem a vivência periférica e os desafios de ser preta e sapatão às margens da sociedade.

sociais, educativos e políticos, pois esses direitos eram restritos somente aos homens brancos. Nessa época, a luta era contra a discriminação de gênero e pela garantia de direitos, inclusive o direito ao voto, o que acarretou o movimento sufragista.

Como Costa (2005, p. 1) afirma:

O feminismo, enquanto movimento social é um movimento essencialmente moderno, surge no contexto das idéias iluministas e das idéias transformadoras da Revolução Francesa e da Americana e se espalha, em um primeiro momento, em torno da demanda por direitos sociais e políticos. Nesse seu alvorecer, mobilizou mulheres de muitos países da Europa, dos Estados Unidos e, posteriormente, de alguns países da América Latina, tendo seu auge na luta sufragista.

O movimento sufragista aconteceu por volta do século XIX e visava a garantia do direito ao voto para as mulheres da Inglaterra e dos Estados Unidos, o que até então era algo restrito aos homens brancos. Essa é considerada a primeira onda do feminismo, onde ficou bem evidente a luta contra as opressões patriarcais que as mulheres sofriam.

A partir dos anos 1920 a luta sufragista se amplia, em muitos países latino-americanos, sob a condução das mulheres de classe alta e média, que através de uma ação direta junto aos aparelhos legislativos, logo conquistam o direito ao voto. Assim foi no Equador, em 1929, o primeiro país da região a estabelecer o voto feminino; No Brasil, Uruguai e Cuba no início dos anos 1930; e na Argentina e Chile, logo após o final da Segunda Guerra mundial[...] (COSTA 2005. pg 3).

A segunda onda do feminismo tem seu retorno nas décadas de 1960 e 1970, principalmente na França e nos Estados Unidos, porém com distinções entre os dois movimentos. Por um lado, as mulheres no EUA tinham um foco na igualdade entre homens e mulheres e na denúncia contra opressões sofridas. Do outro lado, as francesas pontuavam a necessidade da diferenciação entre homens e mulheres, dando evidência à especificidade da experiência feminina, geralmente invisibilizada.

A terceira onda do feminismo é identificada a partir da década de 1990, teve foco na investigação das diferenças, separações, diversidades e da produção discursiva da subjetividade feminina. Desta forma, possibilitou a caminhada sobre o campo de estudos das

mulheres e dos sexos. O que resultou no início do estudo sobre as relações de gênero. O grande desafio nessa fase foi pensar ao mesmo tempo a igualdade e a diferença na formação das subjetividades dos homens e das mulheres. Nessa fase também foi possível perceber o aumento das produções acadêmicas sobre as mulheres.

As diferentes ideias e características de cada onda do feminismo sempre explicitam a realidade, estando diretamente ligadas até os dias de hoje. Como afirma Miranda (2012, p. 4) essas lutas foram muito importantes para inserir as temáticas das opressões vivenciadas pelas mulheres em vários espaços sócio ocupacionais:

Apesar das divergências nos movimentos feministas, em várias partes do mundo, eles foram responsáveis por colocar nos espaços públicos as temáticas relacionadas aos problemas enfrentados pelas mulheres, como campanhas pelos direitos legais das mulheres, pelo direito da mulher à sua autonomia e à integridade de seu corpo, pelo direito ao aborto e direitos reprodutivos, direito à proteção contra a violência doméstica, o assédio sexual e o estupro.

Esses espaços de luta foram muito importantes para que as mulheres pudessem se manifestar contra todas as vulnerabilidades que vivenciavam, essas lutas se estenderam para todas as mulheres, não foi restrito para apenas a parcela das brancas e donas dos meios de produção que lutavam por igualdade na sociedade.

1.2. O papel do Feminismo Classista no Brasil

É de suma importância destacar que o feminismo abarcava, nos seus primórdios, apenas a vivência cotidiana das mulheres brancas de classe média, e que todas as lutas e reivindicações eram voltadas exclusivamente para essas mulheres. Em contrapartida, as mulheres negras e periféricas não podiam lutar, pois além de serem submissas aos homens, também eram submissas a essas mulheres brancas, pois enquanto essas mulheres lutavam por seus direitos, as mulheres negras estavam sendo exploradas por essas mesmas mulheres, condicionadas ao serviço doméstico.

Carneiro (2003, p.119) salienta que:

Em face dessa dupla subvalorização, é válida a afirmação de que o racismo rebaixa o status dos gêneros. Ao fazê-lo, institui como primeiro degrau de equalização social a igualdade intragênero, tendo como parâmetro os padrões de realização social alcançados pelos gêneros racialmente dominantes. Por isso, para as mulheres negras atingirem os mesmos níveis de desigualdades existentes entre homens e mulheres brancos significaria experimentar uma extraordinária mobilidade social, uma vez que os homens negros, na maioria dos indicadores sociais, encontram-se abaixo das mulheres brancas.

O feminismo liberal não teve sua origem baseada nas necessidades das mulheres que são as mais violentadas pelo sistema patriarcal, pois no geral, essas são sempre silenciadas. Os problemas pautados nessas reivindicações eram voltados para as demandas das mulheres brancas, o que não deixava de ser legítimo, porém não eram preocupações que deveriam estar no topo das reivindicações com tanta urgência, pois antes disso tinham mulheres preocupadas com a sobrevivência, a discriminação étnica e racial, entre outros problemas sofridos pelas mulheres negras.

Que bem destaca Bell Hooks (2015, p. 195):

[...]o racismo abunda nos textos de feministas brancas, reforçando a supremacia branca e negando a possibilidade de que as mulheres se conectem politicamente cruzando fronteiras étnicas e raciais. A recusa feminista, no passado, a chamar a atenção para hierarquias raciais e as atacar, suprimiu a conexão entre raça e classe. Mesmo assim, a estrutura de classe na sociedade norte-americana foi moldada pela estratégia racial da supremacia branca; apenas se analisando o racismo e sua função na sociedade capitalista é que pode surgir uma compreensão profunda das relações de classe[...].

Fica evidente que esse feminismo não alcançava mulheres negras e mulheres pobres, entendendo que nesse feminismo liberal não continha em seu debate a temática de classe social e raça. Assim, a pauta de luta desse feminismo nascente não guardava a menor relação com a vida das milhares de mulheres trabalhadoras, negras e pobres. Para essas, a vida de opressão dentro e fora de casa seguia à parte da luta das mulheres da burguesia e ausentes de transformações.

O feminismo classista nasce nesse vácuo de representação da vida e interesses de milhares. Um feminismo com valores antirracista, afirmando uma nova fase política no movimento, no qual se construía um espaço de luta totalmente voltado para as necessidades e vivências das mulheres negras e periféricas.

Carneiro (2003, p.118) afirma que:

Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta anti-racista no Brasil.

Enquanto mulheres brancas lutavam para poder se vestir da maneira que se sentiam confortáveis, o que é legítimo, a mulher negra e a mulher pobre, lutam até hoje, para serem vistas como ser humano e sobreviver. Enquanto a mulher branca luta para poder votar, a mulher negra luta para que seus filhos não sejam mortos pela polícia, luta contra o genocídio negro. Enquanto mulheres brancas lutam para poder trabalhar fora de casa, a mulher negra está desde sempre sendo empregada dessa mesma moça branca que pede por empoderamento feminino, gerando assim uma contradição. As duas lutam por equidade, porém com realidades diferentes, enquanto a mulher branca sofre machismo, a mulher negra sofre uma tripla opressão: o machismo, o racismo e as opressões de classe.

Como afirma bell hooks (2015,p.196)

[...]As mulheres brancas que dominam o discurso feminista – as quais, na maior parte, fazem e formulam a teoria feminista – têm pouca ou nenhuma compreensão da supremacia branca como estratégia, do impacto psicológico da classe, de sua condição política dentro de um Estado racista, sexista e capitalista.

Assumindo a postura de que somente uma mulher negra pode dar voz para suas necessidades, que são totalmente diferentes das demandas das mulheres brancas, elas assumem uma postura de ocupação dos espaços, para que pudessem falar por elas mesmas,

trazendo suas necessidades específicas. A ocupação desses espaços realizados por essas mulheres negras se concretizaram por meio de diversas lutas e batalhas que só foram possíveis a partir da organização social frente ao aumento da exclusão social que enfrentavam em diversos lugares, pois somente mulheres negras poderiam representar de forma concreta as necessidades que possuíam.

Um desses espaços encontrados por essas mulheres que sentiam a necessidade de pontuar o feminismo negro nos debates foi o Hip-Hop, que apesar de não ser de fácil acesso por causa do machismo que é algo perceptível no movimento, possibilitou que elas pudessem pautar seu debate em ambientes para além do que elas já estavam inseridas.

[...] o feminismo negro aponta, para a necessidade de se pensar a realidade a partir do ponto de vista de quem a vive, na perspectiva feminista negra é pensar a realidade a partir do ponto de vista das mulheres negras, para poder transformar a realidade de opressão a que estão submetidas, seja de raça, gênero, classe, geração, sexualidade. No hip-hop essa dimensão vem a tona quando as mulheres lançam mão de estratégias para se afirmarem enquanto mulheres driblando o recorrente lugar de invisibilidade que o movimento/sociedade colocam as mulheres negras e o posicionamento por parte das mulheres que muitas vezes incomoda os homens do movimento [...] (BARBOSA, 2011. p.13).

A partir da própria vivência as mulheres negras, mulheres da periferia, mulheres pobres, jovens mulheres, passaram a lutar por elas e por outras mulheres, falando de si como forma de ativismo, encontrando no Hip-Hop um espaço próprio para esse tipo de debate e reivindicações. Através da sua voz e sua arte, buscam sua autonomia em diversos espaços que por muito tempo elas foram excluídas.

1.3. Hip-Hop: instrumento de resistência política da Periferia

1.3.1 Hip-Hop enquanto Movimento Social

O Hip-Hop teve origem no ano de 1960 na Jamaica. A cultura do *Hip-Hop* possui quatro elementos o *mc* (mestre de cerimônia, mais conhecido como cantor de rap), o *DJ* (artista e produtor que opera os toca-discos), o *Break* (dança de rua de diversos estilos) e o *grafite* (expressão em forma de arte em algum muro ou papel).

Um de seus principais objetivos é unir a cultura urbana, ocasionando uma conscientização sobre os direitos de quem vive na periferia e fortalecimento da cultura, proporcionando também entretenimento e lazer para as comunidades.

Tavares (2008, p. 310) ressalta:

[...] o hip-hop é um fenômeno cultural que engloba estéticas artísticas, como o break ou street dance (dança de rua), o grafite (pintura aerográfica), o DJ (como produção musical) e o rap (como a combinação de ritmo e poesia cantada). De fato, cabe ressaltar que essas diferentes manifestações estéticas foram difundidas de modo heterogêneo, e o rap foi o mais difundido como cultura popular de uma juventude globalizada. O hip-hop, desde sua origem, tem sido associado a uma arte voltada para segmentos excluídos no espaço urbano, como jovens imigrantes, negros, mulheres, entre outros.

É importante destacar que o Hip-Hop é a junção dos quatro elementos, a dança, o grafite, a produção das músicas e as músicas prontas com os instrumentos musicais e as vozes. Já o *RAP* é exclusivamente as músicas produzidas, ou também as batalhas de rima, como uma expressão do *RAP*. Faz-se necessária a distinção de ambos, pois apesar do *RAP* compor um dos quatro elementos do Hip-Hop eles apresentam suas pequenas diferenças, pois o rap é somente a parte das músicas e o Hip-Hop todos os elementos já citados.

O Hip-Hop é um movimento social de resistência que não busca fins lucrativos, foi criado culturalmente e socialmente para fazer uma mediação entre a realidade das periferias com a sociedade, ideologicamente passa a perspectiva de que as vulnerabilidades sofridas por quem reside na periferia é algo natural e aceitável.

Como uma expressão do Hip-Hop o *RAP* se origina nas festas abertas nos guetos jamaicanos com grandes sistemas de som, onde pessoas falavam ao microfone e debatiam os problemas da criminalidade e violência dos bairros. Com a crise da década de 1970 muitos jovens jamaicanos foram obrigados a emigrar para os Estados Unidos levando com eles a sua cultura e as suas tradições.

O hip-hop permite a circulação em termos planetários do discurso de uma identidade racial como manifestação proveniente da diáspora africana, que é agora reinterpretada sob configurações de gênero e sexualidade. Enquanto bem simbólico produzido no contexto da produção estética da juventude negra na contemporaneidade, trouxe

aspectos de reconstrução e positivação dos negros e dos excluídos. A questão de gênero – mais especificamente da misoginia presente em relações desiguais da juventude – estabelece novas frentes por uma mobilização que contempla demandas de atores sociais contrários ao racismo e ao sexíssimo (TAVARES, 2008 p. 314).

Por causa desses jovens jamaicanos lançou assim o Hip-Hop na maior potência Econômica do Ocidente. A sua concentração e origem ocorrem diretamente nos guetos e desses espaços passou irradiar para quase todas as partes do planeta. Desta forma, torna-se rapidamente uma das principais manifestações culturais e artísticas da juventude, negra, pobre, periférica, na década de 1980 e 1990. Porém quando chegam aos EUA as letras não possuíam mais um teor político.

Os cantores americanos preferiam cantar algo mais voltado para o *RAP* ostentação, pois era o tipo de música que tinha uma aceitação melhor no mercado, sendo mais vendida. Podendo projetar uma realidade além da vida de um negro periférico, cantando situações cotidianas que eles não viviam e falando de bens materiais que não usufruíram. Esse tipo de música também incluíam as pessoas brancas de classe média que de fato ostentavam suas fortunas, armas e drogas. Mais conhecido como *gângster RAP*, uma vertente diferente do *RAP* de origem brasileira, que em sua maioria buscava acrescentar no teor de suas letras uma abordagem mais política e social.

Araújo (2008, p. 43) apresenta uma breve explicação de como era o *RAP* feito nos EUA:

O gângster rap [...] é o estilo que se tornou popular nos anos seguintes. Caracterizado por letras que fazem apologia à violência, o gangsta se confunde com o rap que é mais conhecido na atualidade. [...] chama de rap ostensivo, que fala de carros, mansões, onde os cantores estão sempre cobertos de joias e faz apologia ao uso de drogas. Outra característica que se destaca nas letras é o tratamento dado à mulher, que acaba sendo mais um objeto de ostentação. Com isso, nos anos 90, o movimento de popularização iniciado na década de 80 se consolida, com o rap cada vez mais distante de suas origens nos guetos e reconhecido como a música popular norte-americana de maior destaque comercial no mundo.

1.3.2 Diferenças entre o Hip-Hop Norte-Americano e o Brasileiro

O Hip-Hop surgiu no Brasil na década de 80, apesar de existir uma forte tendência de adaptação de alguns traços da cultura negra do exterior a essa realidade é bem diferente no território nacional. Os temas centrais dos *rappers* brasileiros são inspirados no cotidiano vivido: a falta de escola, emprego, saúde, lazer, etc.

Os temas explorados na origem do rap possuem uma afinidade com os ideais socialistas, por buscar a igualdade social. Dessa forma, há uma predominância de músicas com teor crítico, sobre as causas da desigualdade e a guerra civil entre opressor e oprimido. Apesar de tratar de temas complexos, para pessoas que muitas vezes tiveram poucas oportunidades de estudar, o rap tem fácil compreensão, porque é utilizada uma linguagem coloquial e em tom falado, como se o músico tivesse conversando com o espectador e explicando o tema em questão (JÚNIOR, 2014 p. 2).

No Brasil, o Hip-Hop surgiu como movimento social de formação identitária periférica e negra, tendo como objetivo o levantamento das pautas da classe menos privilegiada e reivindicações para que o Estado faça o atendimento de suas demandas. Os movimentos sociais assumem compromisso com os demais movimentos que defendem minorias marginalizadas, para além das que são pautadas em suas lutas. Como a ênfase que o Hip-Hop dá ao movimento negro/periférico, mas não deixa de abarcar outras temáticas. Quando se fala de movimentos sociais deve-se compreender que apesar de levantar pautas específicas, elas não se restringem a apenas um sujeito, mas sim a atores que lutam juntos em prol de uma determinada parte da sociedade, de forma coletiva.

Na década de 80 esses atores sociais começam a ocupar o cenário político lutando em prol de suas causas:

Também neles foi lido um sentido inovador que se dirigia a construir referências novas, para a sociedade, em relação à singularidade de diferentes condições sociais antes anônimas como dimensão política. Coexistindo no espaço das ações coletivas, todos esses movimentos sociais desvendaram um processo que se refere, intimamente, à experiência democrática: a existência de conflitos múltiplos cuja

legitimidade forma a própria possibilidade de uma democracia real. (PAOLI, 1995, p. 31).

Contraditoriamente do que ocorreu nos EUA, o Hip-Hop no Brasil construiu os seus próprios padrões, politizando e criticando a realidade vivida, denunciando a condição de vida na periferia, a violência policial e o conjunto de ações e repressões que mantêm essa população à margem de uma vida decente, ao invés de falar de riqueza, drogas e mulher como no *RAP* norte-americano. Foi através do Hip-Hop que o país pode conhecer, não apenas a realidade até então invisível de milhares de pessoas, mas também pode conhecer vários talentos que não teriam visibilidade se não fosse pelo Hip-Hop.

Júnior (2014, p. 1) explica que:

Na origem do rap no Brasil, a falta de perspectiva de ascensão social é substituída por um debate consciente, em que a favela comunica consigo mesmo, sobre como se expressar sobre os problemas e também ter perspectivas de melhoras. Logo, muitos jovens tiveram identificação com o ritmo e a luta por soluções sobre os problemas da periferia dominava as letras dos rappers brasileiros, assim como os relatos do sofrimento dos excluídos das principais camadas da sociedade.

Em cada região do país o Hip-Hop assume características locais de acordo com o aspecto de cada região, porém em todos os lugares resistem uma grande quantidade de artistas e ativistas que utilizam o Hip-Hop como forma de resistência e luta social contra as desigualdades econômicas, raciais, de gênero, contra qualquer tipo de opressão. O Hip-Hop e o *RAP* promovem um resumo da vivência das pessoas oriundas dos bairros periféricos, possuem uma apropriação forçada dos conteúdos culturais que circulam pela sociedade, a partir de seus próprios pontos de vistas, formados pela experiência de ver, viver e sentir na prática tudo aquilo que é cantado (SANTOS, 2017).

Segundo Araújo (2008, p.11):

Verdadeiras crônicas da vida social, as letras de rap representam o cotidiano dos moradores das favelas e subúrbios a partir de uma perspectiva muito diferente daquela difundida na grande mídia, onde o preconceito e a mistificação são traços marcantes. Mesmo dotadas do conformismo e das ambigüidades da cultura popular, ao retratar a favela, o hip-hop trata de desconstruir o mito de sociedade democrática,

da liberdade e igualdade de condições que o capitalismo tenta vender, e mostrar que vivemos em uma sociedade dotada de sentidos e finalidades diferentes para cada uma das classes. A despeito de sua escassa compreensão do Estado, os griots da periferia sabem que a lei – o aparato jurídico e policial – está a serviço das elites. Se o tratamento da polícia para o “playboy” é de proteção, para o negro favelado é bem diferente.

1.3.3 Hip-Hop como resistência contra a criminalização.

Moura(2017) apresenta que historicamente o Estado, em suas mais diversas formas de poder, tem se apresentado como o responsável central pelas guerras e desumanidade contra a classe trabalhadora e contra minorias, como mulheres e negros. A afirmativa do autor é de que o Estado tem a obrigação de garantir o “direito do cidadão” possuindo uma atuação igualitária que vai contra os interesses particulares. Porém, esconde uma realidade oposta em sua atuação: o Estado em sua maioria busca garantir os interesses particulares das classes privilegiadas e dominantes que detêm os meios de produção, sabendo que é exatamente essa parte da população que possuem melhores condições financeiras, com isso acaba se colocando totalmente contra os interesses dos trabalhadores e do povo, pois além de ser maioria absoluta da população, também são as pessoas que mais necessitam de seus investimentos, políticas públicas/sociais e ações afirmativas.

Vivemos em uma guerra mascarada que o Estado há muito tempo declarou contra todos que não pertencem às classes privilegiadas. Porém, os trabalhadores e as minorias não conseguem assumir a posição de confronto, devido às necessidades que os obrigam a permanecer trabalhando, mesmo em péssimas condições, pois essa é a única fonte de renda para o sustento de sua família.

A guerra contra as classes menos privilegiadas é a principal alternativa para os dois lados. Ela permite que a burguesia permaneça em seu lugar de comando e também que os mais vulneráveis permaneçam coagidos e imobilizados pelo terrorismo estatal (MOURA, 2017).

[...] precisamos de apenas 4 anos para alcançar as 200 mil mortes ocorridas em 10 anos de conflitos entre a União Soviética e o Afeganistão. Em um ano, a nossa

Guerra não Declarada mata mais do que o conflito de 15 anos entre a Índia e o Paquistão, responsável por 38 mil cadáveres. Precisamos de menos de 30 dias, para produzir o número de falecidos do maior atentado terrorista da história mundial: o ataque às torres gêmeas do World Trade Center. Os brasileiros, que representam 3% da população mundial, concentram 9% dos homicídios cometidos no planeta. Se cinquenta mil mortos, não é um dado estatístico normal para confrontos escancaradamente deflagrados, imagine para civilizações tidas como pacíficas, modernas e a caminho do desenvolvimento pleno? (TADDEO, 2012, p. 76).

Esse tratamento diferenciado entre classes sociais pode ser comprovado através das estatísticas do ATLAS DA VIOLÊNCIA, publicado em 2017, quando nelas apontam que de cada 100 pessoas vítimas de homicídio no Brasil, 71 são negras. Os jovens negros do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos, esses dados são mais altos que alguns países que estão em situação de guerra. Vale ressaltar que grande parte da população que reside em periferias são pessoas negras, justamente por essa falta de igualdade e democracia.

Segundo o Atlas da Violência de 2017:

[...] quando analisamos a cor da pele da vítima, verificamos que a diferença de letalidade contra negros em relação ao restante da população aumentou. De fato, dois cenários distintos foram observados 56 no período entre 2005 e 2015. Enquanto houve um crescimento de 18,2% na taxa de homicídio de negros, a mortalidade de indivíduos não negros diminuiu 12,2%. Com isso, ao considerar a proporção entre as taxas de homicídio de negros e não negros verificamos um aumento de 34,7% na diferença de letalidade contra negros. [...] (p. 55-56).

A criminalização é o argumento legal, teórico, criada a partir das prioridades das classes que detêm os meios de produção, para que o Estado possa agir livremente contra aqueles que vão contra suas ideologias. Para assegurar a ordem é necessário um controle feito em todos os âmbitos de relações que integram a vida. Este controle define quem manda e quem obedece; quem paga pelo serviço e quem trabalha; quem serve e quem é servido. Mas especialmente define quem pode ou não ser livre. A liberdade como permissão é o elemento central que assegura a inalteração da ordem social imposta (MOURA 2017).

Essa criminalização não se estende para todo o território nacional; a criminalização e opressão têm endereço, condições financeiras e cor certa. Em eventos de Hip-Hop quase

sempre a polícia, que é o braço armado do Estado, está presente coagindo e amedrontando o público, pois em sua maioria são moradores de periferias, assentamentos entre outros lugares que para eles são considerados como “potenciais bandidos” e que devem ser acompanhados de perto pela polícia. Sempre ocasionando violências de diversas formas, até letais.

Essas violências letais por parte da polícia são destinadas a determinadas áreas e atinge grupos sociais muito específicos, indicando muitas vezes características expressivamente semelhantes, como cor de pele, condições financeiras e até vestimentas. No geral pessoas que possuem características de “pobres” sempre serão vítimas do Estado, tanto pela falta de políticas públicas, quanto pela violência institucional que sempre é destinada para essa parte da população. O que existe na verdade é uma criminalização da pobreza.

Como afirma Moura (2017, p.77):

A herança da ditadura civil-militar se apresenta claramente na própria formação subjetiva do policial militar, historicamente o carrasco dos invisíveis. Se antes o inimigo maior era o comunismo hoje é o lutador social, a classe trabalhadora, o lumpem proletariado e as culturas de resistência. Esses policiais são estranhamente ex-desempregados, ex trabalhadores assalariados, negros ou brancos pobres, homens, jovens. Talvez aí resida a complexidade da contradição, pois muitas vezes o confundimos também como um trabalhador, condição esta não reservada aos agentes da repressão.

No final da década de 90 o *RAP* ainda era um estilo musical muito marginalizado que sempre era evitado nos mercados convencionais. Com o passar do tempo foi construída uma imagem negativa vindo das classes dominantes que girava em torno da desqualificação generalizada e criminalização do movimento, pois era necessário deslegitimar todas as expressões artísticas que se posicionavam contra todo um conjunto de opressões impostas pelo Estado.

A violência física é a concretização da violência verbal e intelectual das classes dominantes para com a periferia. Tendo conhecimento que essa violência surge contra os adeptos do estilo musical e demais artistas que trazem reivindicações de mudanças para a periferia. A forma de agir é específica e sectária praticada principalmente pela polícia militar, reforçando que é o braço armado do Estado, e que historicamente são os algozes dos periféricos (MOURA, 2017).

Moura (2017, p. 41) afirma que:

A criminalização quase nunca se dá sem o uso direto da violência física. É preciso salientar que a violência é, sobretudo, seletiva. Quando a repressão se dá contra setores privilegiados as regalias jurídicas garantem o direito de quem detém maior poder político e econômico. Quando se dá sobre o trabalhador a lei é suspensa ou está favorável exclusivamente ao órgão repressor e ao Estado de uma forma geral. Em último caso a violência serve para eliminar diretamente o inimigo, neste caso, trabalhadores, o lumpemproletariado e demais frações subalternizadas organizadas ou não. Do ponto de vista da expansão e do crescimento das cidades, principalmente das periferias urbanas, toda essa situação favorece o surgimento e crescimento das favelas.

Nesse sentido, uma parte importante do movimento Hip-Hop afirma sua origem africana, periférica, marginal e reivindicatória, apresentando uma postura nitidamente contestatória, com ligações diretas com as comunidades mais pobres e vulneráveis. Pois sabem que através das suas letras muitas pessoas vão conseguir enxergar uma realidade que até então era invisível, a realidade da grande maioria das/os brasileiras/os, não de todos.

Infelizmente milhares de jovens negros e periféricos morrem todos os dias, e os grandes veículos de comunicação se calam. Vivemos tempos de grande genocídio da população periférica e negra, mas que teve início com a apropriação de terras indígenas com o “descobrimento” do Brasil. Somos fruto de uma população que foi concebida por estupros de negras e indígenas e que após todo esse massacre foram jogados de lado sem nenhum tipo de reparação social, tudo isso se deu por ganância, pelo capitalismo desenfreado que sempre quer mais. Somos fruto de uma sociedade que visa o ter antes do ser, e se você não tem nada, você se torna um nada.

Carneiro (2014) afirma que:

No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade social, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou até as últimas consequências[...].

Em uma das suas músicas mais famosas, NEGRO DRAMA, o grupo RACIONAIS MCs, faz uma forte crítica ao Brasil afirmando em uma estrofe que em 500 anos de Brasil, o Brasil nada mudou. Essa música apesar de ter sido lançada em 2002 faz uma crítica social muito forte à sociedade, onde afirma que os negros brasileiros especificamente os periféricos são alvo de grande exclusão socioeconômica, pautando que existe uma dívida histórica com essa parte da população desde a abolição da escravidão, pois não houve uma reparação social para essas pessoas que por muito tempo foram escravizadas e essa exclusão se perpetua nos dias atuais:

[...] Desde o início

Por ouro e prata

Olha quem morre

Então veja você quem mata

Recebe o mérito, a farda

Que pratica o mal

Me ver

Pobre, preso ou morto

Já é cultural [...]”

(Negro Drama, Racionais MCs)

1.4.O papel das mulheres contra o machismo no Hip-Hop

Devido à sociedade sexista e patriarcal em que vivemos o machismo sempre esteve presente no Hip-Hop, ele é um dos primeiros instrumentos de dominação e poder que o homem exerce, pois sua opressão é tratada como brincadeira ou algo normal, tornando a opressão uma regra ao invés de exceção. As mulheres conquistaram um lugar na cultura Hip-Hop com muita luta e esforço, pois esse nunca foi um espaço dedicado para elas, pelo contrário, sempre foram excluídas. Porém elas não aceitaram essa exclusão e sempre lutaram pelo espaço incorporando nos debates suas próprias demandas, direcionando a pauta da mulher como agente histórico e político.

As mulheres são sempre retratadas de forma pejorativa e machista nas letras, ou elas são apresentadas como vulgares ou como aquelas que seduzem e traem a confiança dos homens. Sempre expostas como objeto, que devem ser protegidas ou descartadas pelos homens. O foco sempre será que a mulher necessita ser salva da sua condição de mulher, pois sempre são vistas como seres incapazes. Nos eventos de Hip-Hop as mulheres quase nunca estão nos palcos atuando como protagonistas, não que este seja o lugar de mais prestígio, mas refere-se a um lugar de poder e afirmação política que sempre são retirados delas.

Essas mulheres sempre estiveram inseridas no Hip-Hop, apesar de só começarem a aparecer na mídia depois de muito tempo. Pois como já citado, no início esse não era um espaço feminino, e as poucas mulheres que decidiam enfrentar todo o contexto machista e misógino precisavam se masculinizar para serem menos ridicularizadas ou oprimidas. A justificativa sempre girou em torno do porquê este não era um espaço para “mulherzinha”. Infelizmente esse discurso e essa postura são mantidas por alguns homens até nos dias de hoje.

Em artigo sobre rap e feminismo, O’Connel (s/d), observa que as mulheres rappers estão estabelecendo batalha pela conquista de uma maior visibilidade social, fundada sobre uma perspectiva que denuncia a desvalorização das experiências, pensamentos e atitudes das mulheres. Para essa autora, apenas nos últimos dez anos algumas mulheres rappers ganharam considerável reconhecimento e respeito na América como cantoras e letristas. Influenciadas principalmente pelas mulheres do blues, essas rappers têm abordado o tema sexualidade feminina para se manifestarem como sujeitos sexuais, e não objetos sexuais, e assim construir uma imagem positiva para si mesmas (MAGRO, 2004, p. 65-66).

Diante desses fatos é importante destacar que a mulher inserida nos quatro elementos do Hip-Hop é de fundamental importância para a autonomia e emancipação da mulher enquanto ser social e político que possui voz para lutar contra as opressões do Estado e da sociedade, que estabelece de alguma forma as condições que às levam para uma posição abaixo do homem, fazendo com que essas mulheres se sintam diminuídas e sem vontade de lutar por seus direitos.

As mulheres inseridas no Hip-Hop conseguem alcançar com seu potencial uma forma de superar o sexismo e machismo que impera no mundo do Hip-Hop. Trata-se de trazer à tona

tudo aquilo que as desqualificam, não só no Hip-Hop, mas em todos os contextos da vida social, econômica e política, de uma forma geral, enquanto mulheres.

O Hip-Hop é um dos diversos espaços de luta e contestação, que possibilita que as mulheres lutem por seus direitos, não aceitando a realidade imposta. E isso na maioria das vezes faz com que elas se organizem politicamente para lutar cada vez mais contra as opressões direcionada para as mulheres, construindo uma luta coletiva sem pedir permissão.

2. A CENA DO HIP-HOP DO DISTRITO FEDERAL

*“[...] É um terror o que vivemos, no dia-a-dia
Uns dizem que é exagero, outros dizem que é histeria
Diminuídas pelo sexo, ditas incapazes
Fragilidade essa que nos deixa prontas pro combate
Lugar de mulher, é também no rap
Mina preta, periférica falando do que acontece
E a luta é contra o machismo que nos persegue
E a culpa não é minha se a carapuça serve [...]”
(Batalha das Gurias e Negra Rê - Lugar de mulher)*

2.1 Cena Contemporânea do HIP-HOP no DF.

Para além dos quatro pilares do Hip-Hop percebem-se outras manifestações, como a literatura marginal originada do *RAP*, batalhas de *mcs*, e outras. As raízes do Hip-Hop, especialmente do *RAP*, podem endereçar sua origem até a África pré-colonial, com a figura dos e das *griots*, que cumpriam o papel de mensageiro e contador de histórias. Trazendo para os dias atuais é possível perceber que o *Mc* assume esse papel de informante e mensageiro das favelas, através de suas rimas.

“Os griots eram negros contadores de história incumbidos de manter viva a memória de suas tribos, por meio de versos que eram passados entre gerações. Essa tradição ficou conhecida como “canto falado” e deu origem a diversas manifestações culturais em toda a América, basta pensar no repente ou na embolada, ritmos característicos do nordeste do Brasil.” (SILVA, 2007, pg 40)

As batalhas de rima são espaços de diálogos ideológicos, onde as rimas devem ser pensadas na hora, em cima de algum som musical. O objetivo é saber quem tem argumentos melhores acompanhados do ritmo e da poesia. A votação é feita pela plateia através do barulho e também por jurados.

FLEURY (2014, p. 18) conceitua brevemente *rap* e “batalha de MC”:

“O rap, também chamado nos Estados Unidos de *emceeing* é o ato de rimar em cima de uma batida acelerada, que pode ser feita pelos DJs nos sistemas de som, por músicos (mais raro) ou pelos beatboxers com a boca. Os rappers escrevem suas letras geralmente antes da performance, mas aqueles que são chamados de MCs, Mestres de Cerimônia, improvisam suas letras com a situação do momento e "atacam" o outro rapper com rimas provocativas, agitando o público. Os aplausos decidem qual MC foi melhor e venceu a batalha. Era através dessas batalhas que os rappers iam ficando mais conhecidos e ascendendo na comunidade, chamando atenção de cada vez mais pessoas, até conseguirem chegar às rádios e gravadoras”.

No Distrito Federal ocorrem mais de vinte batalhas semanalmente, realizadas como competições onde os participantes são julgados pelo público (e, às vezes, também por jurados) que avaliam sua capacidade em construir rimas e versos improvisados na hora.

Não é possível descrever quando e como começaram as batalhas de *MCs* no Distrito Federal, mas é notável o seu crescimento e popularidade. No começo de 2010, é possível dizer que existiam apenas três batalhas regulares, como o Calango Pensante, que acontecia mensalmente no Conic, podendo afirmar que foi a primeira batalha do DF. Hoje, já são mais de vinte batalhas, algumas ocorrem no mesmo dia da semana porém em cidades satélites diferentes. Existem batalhas que são menores que atraem a comunidade ao redor como, por exemplo, a Batalha da Sequela que acontece toda segunda-feira em Águas Claras ou a Batalha da Fonte que acontece toda sexta-feira no Taguapark em Taguatinga. E também existem batalhas maiores e mais famosas que atraem grande público, como a Batalha do Relógio em Taguatinga e a Batalha do Museu, que fica no centro da capital, entre o Museu da República e a Biblioteca Nacional. E também existe uma batalha organizada por e para mulheres, a Batalha das Gurias(BDG) que acontece todo segundo Sábado do mês no CONIC. (Silva, 2017)

2.2 Batalha Das Gurias: Batalha de Rima é lugar de Mina.

A Batalha das Gurias (BDG) é uma batalha exclusivamente feminina do Distrito Federal (DF), que ocorre todo segundo sábado do mês na praça central do Conic, um lugar de

entretenimento e cultura, que tem como um dos seus objetivos a ocupação dos espaços públicos.

A BDG teve início em 2014, quando Rhaynara, Amarin, Layla e Dihessika, mulheres que frequentavam a batalha do museu - uma das mais conhecidas no DF, que ocorre todo domingo no espaço livre do Museu Nacional de Brasília no Plano Piloto - começaram a se questionar porque um espaço de tanta importância para a cultura periférica não havia muitas mulheres batalhando, e quando existiam mulheres neste meio, elas precisavam se masculinizar para serem aceitas.

Apesar de ser um ambiente de luta e questionamento é muito comum nas batalhas de *MCs* ouvir rimas machistas e misóginas, tendo em vista que, as batalhas são espaços predominantemente masculinos, o que acarreta nas rimas e na postura de vários *Mcs* um discurso sexista, homofóbico, e de ódio para com as minorias.

Segundo Herschmann (2000, p.203-204) sobre as mulheres na cena Hip-Hop no Rio de Janeiro e São Paulo:

“Na realidade, a mulher no mundo do hip-hop carioca ou paulista ocupa um papel secundário, apesar de nenhum de seus membros admitir isso nas várias entrevistas realizadas. Além de enfrentarem um machismo velado, que se expressa no uso freqüente da expressão “vadia” nas músicas e discursos, elas enfrentam o pouco espaço que existe para que artistas do sexo feminino — cantoras, dançarinas ou grafiteiras — possam se manifestar. Ao contrário das mulheres do funk, as do hip-hop não podem usar explicitamente o erotismo como estratégia para subverter esse universo predominantemente masculino. Nenhuma delas usa roupas provocantes, com medo justamente de ser estigmatizada por isso. Sua indumentária lembra as roupas pesadas e largas dos homens. Sua estratégia é fazer uso da palavra, em um discurso que se aproxima muito do “feminista” tradicional. Respondem ao discurso dos homens com mais discursos, ou melhor, diante da verborragia masculina, produzem mais verborragia”.

As mulheres que frequentam o espaço estão desde o público as companheiras dos *Mcs*, apesar do discurso de serem bem aceitas, na realidade são reprimidas pelo mesmo. A falta de representatividade feminina e sexualização de seus corpos nas rimas fazem com que não reconheçam ou não se sintam confortáveis neste espaço não ocupando um lugar que é seu por direito.

Nesse contexto algumas mulheres tiveram a iniciativa de fazer uma batalha apenas de mulheres, pois esse cenário parecia bastante opressor para algumas das interessadas em participar das batalhas e tal opressão é demonstrada quando os xingamentos e ataques são direcionados para rebaixar a imagem feminina, quando em uma batalha não há mulheres ou muito poucas, ou mesmo quando em uma batalha os dois participantes são do sexo masculino, eles usam as familiares do adversário para ofendê-lo.

A BDG surge com o objetivo de incentivar as mulheres a batalharem, com o intuito de informá-las para que possam se auto afirmar nesses meios já que é um espaço majoritariamente masculino. Elas não se sentem preparadas ou pertencentes às batalhas, pois já sabem que em sua maioria serão diminuídas ou ditas incapazes.

“Mais do que se constituir como um grupo de pertencimento, às mulheres hip hoppers vivenciam um “nós” antagônico ao “eles”, não somente hip hoppers, mas homens. A igualdade proposta por estas mulheres inscreve-se na noção de direitos baseada na diferença, compreendendo que a opressão da mulher é fruto de construções sociais e lutas políticas. Ser mulher, para elas, não somente define lugares de pertencimento, mas também vivências de opressão, que as mobilizam para um enfrentamento público/político em um contexto específico, o movimento hip hop, e em outros espaços.”

(MATSUNAGA,, p 86)”

As mulheres também perceberam que esse era um importante espaço para elas denunciarem todas as agressões sofridas por elas e outras milhares de mulheres por todo o mundo, um espaço de luta onde buscam sua emancipação como mulheres na sociedade. Mesmo que os homens venham criticar e inverter a situação, pois muitos *MCs* condenaram a BDG dizendo que as próprias *MCs* organizadoras estava segregando as mulheres, pois as batalhas não eram masculinas, mas sim as mulheres que não “botavam as caras” e se escreviam nas batalhas. Talvez pelo fato dessas opressões já ser algo estrutural da sociedade e muito deles não são capazes de notar como é amedrontador para as mulheres estarem presente efetivamente em um ambiente tão hostil.

“A virilidade é expressa na narrativa do Rap pela associação do masculino à disposição para o conflito e o enfrentamento. Como demonstramos anteriormente, o

feminino é o elemento que possibilita a reconciliação com os valores da comunidade, uma vez que o masculino é orientado pelos valores da sociedade. Como o Rap é um discurso que se pretende pronunciado em uma perspectiva comunitária, mas pronunciado por homens, a sua fala encontra-se na tensa fronteira entre o que se se “valoriza” como característico do grupo social ao qual se pertence e o que de fato se “é”. O masculino no rap está localizado nessa fronteira e possui como uma de suas funções pronunciar os valores da comunidade na ordem pública, reconhecendo simultaneamente a distância que existe entre esse ideal e seu preenchimento. “ (ROSA, 2006, p. 75)

Esse espaço feminino seu deu como forma de protesto principalmente pela resistência e emancipação, a batalha de rima é um local onde as pessoas discutem ideologicamente, trazendo através das rimas suas vivências e aspectos da realidade que cada um acredita ser o certo, é uma das ferramentas de mais fácil acesso para se construir musicalmente, mas ao mesmo tempo é uma das formas mais difíceis de ser passada, pois nem sempre quem está escutando entende tão sutilmente o que um rapper quer dizer em suas letras.

2.3 As MCs brasileiras: gênero e machismo

As mulheres das batalhas de *mc*, em sua maioria, buscam o direito de ter voz, de questionar e dizer o que está errado na sociedade e as opressões que as mulheres sofrem desde o início da sociedade com uma formação patriarcal, até os dias de hoje.

ROSA (2006,p.48) ressalta em sua pesquisa sobre as mulheres que estão inseridas no mundo do *Hip-Hop* que:

“Quando o rap é protagonizado por mulheres, a matriz discursiva muda e ocorre uma reordenação de valores e dos valores atribuídos à categoria de gênero. O discurso de enfrentamento deixa de ser um valor de masculinidade e vincula-se à posição da mulher. [...]Ao negar o ideal de passividade feminina no rap as mulheres inserem uma fala dissidente sobre a contribuição da mulher nas lutas de independência e pela liberdade. [...]”

As mulheres buscam por um espaço que nunca foi destinado para elas, e que hoje tentam ocupar com muita dificuldade, pelo fato de que a maioria dos homens não consegue aceitar que esse espaço não é exclusivamente masculino, que eles não vão ser os protagonistas, e que terá mulheres fazendo indagações e críticas ao sistema imposto, lutando por visibilidade e direitos iguais, buscando por algo que deveria ser natural.

O hip hop reivindica um reconhecimento identitário positivado, alicerçado na posituação da negritude e da periferia (ainda que estes se sobreponham em muitos casos), apresentando em seu discurso, para a efetivação desta posituação, discriminações de gênero que reforçam o discurso geral/público sobre a mulher. O sentimento e a tentativa de inclusão reiteram, portanto, em relação à distinção de gênero, a supremacia masculina. A tentativa de reverter este quadro está presente, principalmente, no discurso das mulheres que fazem parte do movimento e reivindicam para si outras representações e relações. Elas apontam, portanto, que o hip hop pode se configurar de outra maneira, mas isto dependerá de suas lutas, das reflexões e dos debates (MATSUNAGA, 2006, p. 183).

Em contrapartida, reiterando a identidade ideológica como prioridade no *RAP*, as mulheres acabam sendo invisibilizadas e excluídas por carregarem um apelo social, que reivindica a mudança de estruturas patriarcais na sociedade. Historicamente as mulheres são rejeitadas e quando aceitas são obrigatoriamente ofuscadas, aceitando até mesmo o anonimato para se sentirem incluídas. Seguindo sempre a risca que os grandes feitos são sempre dos homens e nunca ou quase nunca por mulheres, isso não só no meio do Hip-Hop, mas em geral, muitas vezes não reconhecidas, mas sempre presentes.

Diante do que é exposto nas batalhas mantendo a linha patriarcal, fugindo do interesse da vivência feminina e indo de encontro com as suas opressões diárias. Torna-se desgastante estar nos duelos ouvindo afirmações que reforçam a exclusão e manutenção dessa desigualdade de gêneros, como se não bastasse ter que vivenciar esses ataques cotidianamente. Quando uma mulher decide batalhar, na maioria das vezes ela deseja relatar as opressões que sofre no dia a dia por ser mulher, usando suas rimas como forma de inconformismo com a realidade imposta.

“O machismo no rap é um dos principais instrumentos de poder e domínio e ainda carece de debates, pois sua pauta é invisibilizada tornando a opressão uma norma. As mulheres, poderíamos dizer, conquistaram um lugar na cultura hip hop. Ao mesmo tempo em que criam seus próprios referenciais, inserem na pauta a mulher como agente histórico e político.”(MOURA.2017,pg.128)

A mulher já tem consciência que na maioria das vezes que se propõe a batalhar para fazer essa denúncia ela precisa ter que se submeter a opressões desgastantes por parte dos *MCs* para poder falar de agressões que sofre em seu cotidiano, de uma forma ambígua, ela é oprimida por batalhar, mas quer estar na batalha para relatar as opressões que sofre por ser mulher.

De acordo Rosa (2006, p.67):

“O sexismo existente nas letras do Rap vem sendo um dos principais temas da crítica ao discurso do Rap, que objetifica a mulher e atribui a ela uma gama de estereótipos. Isso ocorre porque o potencial de deslocamento das posições estruturais do sistema hierárquico sexista não acompanha o movimento de deslocamento das posições do sistema hierárquico de relações raciais da sociedade brasileira. Em outras palavras, do ponto de vista da contestação anti-racista, o rap apresenta-se com uma das manifestações artísticas mais nitidamente engajadas, mas, no que se refere à crítica antixista, seu discurso militante assume posturas muitas vezes reacionárias.”)

O *RAP* é feito e desfrutado na rua, no improviso do dia a dia, do pouco dinheiro pra comer, do transporte público diariamente lotado, dos becos e vielas, estando diretamente ligado ao cotidiano dessas mulheres, pois não se trata de um olhar externo, não são assuntos que não representam a realidade da vida delas, mas são as próprias mulheres que vivem cotidianamente os graves ataques sexistas, misóginos e que apesar dessa mistura de ódio e revolta usam o ritmo e a poesia como forma de protesto e emancipação.

As mulheres buscam por seu espaço de fala e atuação, e não aceitam mais serem silenciadas, não aceitam os espaços historicamente e socialmente a elas destinados, elas não querem mais ficar na plateia ou cantar apenas em refrãos enaltecendo o trabalho dos homens.

Essas mulheres querem ser protagonistas e diretoras de sua própria história, traçando seu caminho e suas letras, passando por cima de qualquer divisão que exista em seu caminho. Segundo Rosa (2008), o *RAP* protagonizado por mulheres tende a se reorganizar, quanto aos

valores atribuídos à categoria de gênero, sendo que o discurso perde o valor da masculinidade e se torna um posicionamento vinculado à feminilidade. Rosa discorre sobre esta afirmativa utilizando a análise da música da *rapper* Nega Gizza:

“Na música *Larga o Bicho*, da rapper carioca Nega Gizza, temos uma referência desse fato. A letra da música pode ser definida com um manifesto que convoca as mulheres a superarem os desafios do sexismo e da opressão racial e classista da sociedade brasileira. Reivindicando uma ancestralidade guerreira e a descendência negra a autora da letra exige o fim das opressões às quais as mulheres estão submetidas.

‘Sou mulher, mas não sou tão frágil ou tão delicada
Meu microfone é a minha arma
Minha palavra é como uma espada
O rap não é privilégio do homem.
Já vencemos esse desafio.’ (“*Larga o Bicho*”, Nega Gizza)“

As mulheres carregam em suas letras o peso do seu cotidiano, o peso de ter que estudar trabalhar, muitas precisam cuidar dos filhos, ajudar nas atividades diárias e constantes do lar, mesmo com tantas atividades ainda encontram tempo para compor suas letras. Desde a divisão social do trabalho a mulher foi colocada como a que mantém a casa, devendo cuidar das tarefas domésticas e dos filhos, sendo retirado da sociedade civil, em contrapartida o homem se torna o provedor do lar, não necessitando ajudar nos afazeres domésticos. Com muita luta as mulheres conseguiram ocupar o mercado de trabalho, mas este emprego não significou o não cumprimento dos afazeres domésticos, pelo contrário, a mulher passa a ter um emprego formal e também o trabalho de cuidar do lar e dos filhos, tendo assim uma jornada dupla de trabalho.

ROSA (2008) comenta muito bem sobre as esferas do lar afirmando:

“A mulher é associada à posição de comando principalmente na esfera do lar. Nas letras de Rap composto por homens, a vida familiar é sempre comandada por uma figura feminina reconhecida como referência de força e proteção. Como afirmamos anteriormente, a vida masculina, identificada com os valores da vida pública, afasta os homens da esfera doméstica criando a representação de uma vida familiar

composta por mulheres e crianças. A valorização da vida na comunidade restringe a agência do feminino e passa defini-lo tendo por base a sua oposição aos valores associados à esfera pública normatizada pelo masculino” (2008, pg. 68).

Já o homem, por não precisar se preocupar com tantas tarefas, mantendo exclusividade ao seu trabalho, acaba carregando em suas letras algo mais geral da sociedade, sem um aprofundamento de contextos específicos, eles apenas transmitem a sua experiência na sociedade civil e talvez algumas inquietações. Em reflexo desse espaço masculinizado o que se vê é um discurso desqualificador, misógino e que banaliza os corpos femininos. É perceptível que a maioria dos homens não estão preocupados em fazer análises ou críticas da conjuntura atual, acarretando um discurso muito raso sobre a sociedade.

Em paralelo é possível notar que cada vez as mulheres estão se inserindo em batalhas, pois esse é um importante espaço para elas abordarem temas do cotidiano, como sexualidade, opressões e preconceitos vividos por elas no dia a dia, as mulheres do *RAP* buscam através das rimas manifestar tudo aquilo que não está certo na sociedade, utilizando o espaço de fala para denunciar opressões mostrando para a sociedade patriarcal que a mulher tem total capacidade de ocupar o lugar que ela quiser, fugindo totalmente do discurso raso e sem causa.

MATSUNAGA (2008, p.110) em seu breve relato diferencia a rima masculina da feminina:

“Se compararmos as produções entre homens e mulheres, percebemos que as letras escritas por mulheres falam sobre suas experiências pessoais, quem são, onde vivem, revelando como se vêem, como constroem suas identidades. As letras dos homens possuem um conteúdo, de forma geral, mais abrangente, acontecimentos que ocorreram no bairro, com outros e com eles mesmos. “

É importante ressaltar que assim como existe uma grande diferença na postura das mulheres para os homens, também existe uma grande diferença na postura dos homens que são da periferia, para os homens que são filhos da burguesia, pois o movimento Hip-Hop tem sua ligação com as classes marginalizadas e em geral estabelece a via de acesso para o reconhecimento de resistências culturais contra a opressão colonialista. Resistência essa que

se manifesta não só nos seus aspectos estéticos, temáticos, de danças ou grafites, mas também nas suas ações sociais mais extensas, como as relações com a comunidade e o Estado.

Esses homens que são fruto das relações estabelecidas pela reprodução da sociedade capitalista por meio da cultura humana, carregam em seu discurso um sentimento de mudança ou revolta, trazendo um alerta para outros jovens que também são periféricos, para não caírem na ilusão de melhoria de vida momentânea, que o tráfico pode proporcionar, pois infelizmente com tanta exclusão sofrida pela periferia, muitos homens encontram nesse caminho a forma mais fácil para manter sua sobrevivência e de seus familiares, suas letras são carregadas de representatividade e inconformismo, com o descaso e a negligência causados pelo Estado para com a periferia.

Segundo Júnior (2014)

“Na origem do rap no Brasil, a falta de perspectiva de ascensão social é substituída por um debate consciente, em que a favela comunica consigo mesmo, sobre como se expressar sobre os problemas e também ter perspectivas de melhoras. Logo, muitos jovens tiveram identificação com o ritmo e a luta por soluções sobre os problemas da periferia dominava as letras dos rappers brasileiros, assim como os relatos do sofrimento dos excluídos das principais camadas da sociedade”(2014 p. 1).

Ser rapper não é somente o ato de cantar *RAP*, o rapper possui uma identidade cultural própria que inclui várias especificidades culturais dos adeptos do estilo musical e de vida, o Mc precisa aprender a analisar a conjuntura atual de forma crítica, pois esse é um importante exercício para a afirmação do indivíduo como aquele que intervém na realidade, com essa análise ele passa a compreender todas as questões de vulnerabilidade que o rodeia deixando de somente reproduzir e iniciando um processo de criação, a atitude de criar já é algo emancipador, pois mostra a capacidade do ser humano mesmo vivendo em condições de vidas precárias, sem nenhum tipo de incentivo, a possibilidade de se expressar e denunciar agressões sofridas. E são exatamente essas condições precárias que fazem as letras serem tão carregadas de raiva e revolta. O *RAP* traz a verdade nua e crua, sem meias palavras, denunciando todo o descaso do Estado com a periferia.

Como afirma ROSA (2008) muitas letras incitam essa violência por ser a própria vivência dessa parte da população:

“O Brasil foi constituído por ações violentas e sua transformação não pode ser pensada sem considerar essa possibilidade, nesse termo as referências ao assalto, ao seqüestro, ao crime organizado, entre outras, são inseridas na modalidade de uma reação sistêmica aos processos de exclusão, exploração e violência que definem a sociedade brasileira” (2008 p. 77).

Portanto é nitidamente possível compreender o porquê o *RAP* é um espaço de luta da periferia, destinado principalmente para as pessoas dos espaços de grandes mazelas sociais, justamente por esse teor de luta e reivindicação. Quando um homem branco, filho da burguesia se propõe a cantar rap ele acaba afastando o movimento do contexto original, que é o elemento de identidade da população afrodescendente, transformando-o em um produto para ser comercializado, fugindo completamente do seu propósito, pois o capital não tem a capacidade de criar, ele apenas se apropria da riqueza humano-genérica e torna-a rentável á acumulação capitalista.

Segundo o texto de SILVA (2015) ele aborda esse tema levantando alguns argumentos sobre essa apropriação cultural:

“[...] Esse “embranquecimento da música negra” acontece quando artistas brancos (em teoria, a classe dominante) se apoderam de características culturais dos negros (em contraponto, a classe dominada) e as afastam de suas raízes, tirando daquilo sua identidade e as transformando em algum modismo ou “*commodity* cultural”. Mais do que a assimilação ou troca entre culturas, a apropriação gera alguns problemas, entre eles tirar daquilo seu real significado e transformá-lo em uma simples tendência comercial desprovida de seu real contexto”

Diante do exposto é de extrema importância reafirmar qual o sentido original do rap, que é de luta e insatisfação, e como as pessoas afetadas pelas classes dominantes usa essa ferramenta para se expressar e reivindicar melhorias. O *RAP* aparece como instrumento de combate para quem é colocado no papel de oprimido, seja por sua classe social ou gênero. Essas pessoas que estão nos bolsões da exclusão estão cansadas de serem invisibilizadas e suas culturas apropriadas por quem nem se quer conhecer a metade da realidade que elas vivem.

“Da mesma forma que Rosa Parks cansou de ceder o seu lugar a passageiros brancos nos ônibus em Montgomery no Alabama, esta parte do povo encarcerado nas favelas por pressão física e psicológica, cansou de entrar pelas portas do fundo do país e de subir na vida apenas pelos elevadores de serviço. Cansou de se manter passiva dentro das senzalas de madeirite, olhando amedrontada pelas frestas seus semelhantes sendo jogados dentro de navios negreiros descaracterizados, apelidados de viatura” (TADDEO, 2012, p. 393).

As pessoas que utilizam essa ferramenta para reivindicação estão cientes que para além da diversão as ações políticas do movimento Hip-Hop têm ligação direta com resgate da democracia real, em que não exista o preconceito de classe social, raça, gênero ou de qualquer outro tipo.

O resgate da dimensão emancipatória da manifestação cultural e artística no Hip-Hop está ligada diretamente com o fortalecimento da democracia e protagonismo, com a possibilidade dos sujeitos marginalizados encontrarem voz para além dos lugares historicamente a eles destinados. Em outros termos o Hip-Hop com todos os seus elementos pode ajudar a identificar a natureza das desigualdades sociais e porque a sociedade se coloca tão apática diante de tantas mazelas provocadas a determinados grupos da população.

A pobreza é um ponto naturalizado pelo governo com isso o Estado não oferece políticas sociais de fato para suprir as demandas dessas famílias, essa parte da sociedade constantemente está sendo negligenciada pelo Estado seja na educação, saúde, transporte, todos os tipos de descaso a população periférica sofre diariamente, além dos estereótipos que são colocados nessas pessoas.

TADDEO (2012, p. 533) traz uma análise muito importante, ressaltando a discriminação que os moradores de periferia sofrem, simplesmente por sua condição financeira e seu lugar de moradia.

“No século XXI, os aprisionados nas trincheiras clandestinas, não são considerados apenas pessoas de baixa renda. Na classificação generalizada da burguesia, eles são seres corrompidos, obscenos, pervertidos, ignorantes e extremamente violentos! Na

ótica do Brasil embranquecido, todo nordestino é burro, toda mulher dá periferias é vagabunda, toda criança pobre é degenerada, todo negro é ladrão, traficante ou sequestrador, todo barraco é um depósito de entorpecentes e de armas e toda favela é um ponto de tráfico”.

E foi através do *RAP* que os Mes viram a oportunidade de ter voz perante a sociedade, e poder denunciar todo o contexto de vulnerabilidade vivida dia após dia

O *RAP* aparece na vida dessas pessoas como algo libertador onde elas não precisam ser representadas por pessoas, que nem conhecem a sua realidade, mas passa a ser o protagonista da sua história, mostrando uma vivência do seu cotidiano em suas letras, tentando romper com essa padronização preconceituosa das pessoas por sua condição financeira.

3. EU LORAK

*“[...]Não canto pra maluco rebolar,
meu som é pra pensar, pra ladrão raciocinar,
não tô na Tv nem no rádio,
Não faço rap pra cuzão balançar o rabo.
Quero minha voz dando luz pro presidiário, denunciando a podridão do sistema carcerário,
tirando a molecada da farinha,
não quero seu filho na mesa do legista.
Eu tô do lado da criança com fome, "disnutrida", que dá bote na burguesa e corre na avenida.
Eu sou igual qualquer ladrão, qualquer assassino,
um revólver, um motivo é só o que eu preciso,
pra roubar seu filho, "meter" um latrocínio.
Quem viu a mãe pedindo esmola tem sangue no raciocínio.[...]”
(Facção Central- Versos Sangrentos)*

3.1 O manifesto.

Este capítulo trata-se de um manifesto, onde a pesquisadora expõe o seu *álter ego*, utilizando-se de uma linguagem que não é acadêmica para fazer com que a academia além de respeitar a sua história e de suas companheiras no mundo do Hip-Hop, possa entender como o Hip-Hop é um movimento social muito importante para a emancipação e resistência de minorias não só na teoria, mas também na prática.

Esse capítulo foge do caráter teórico, assumindo totalmente um caráter reivindicatório, mas que não deixa também ser teórico e crítico, transformando a vivência e ponto de vista da pesquisadora em conteúdo.

3.2 A Sociedade e o *RAP* na perspectiva de uma MC.

Eu sou a Lorak, meu mundo é o Hip-Hop, mais especificamente as batalhas de *RAP*, reconheci-me por volta de 2012, quando escutei pela primeira vez “Facção Central” um grupo

de rap, com letras bastante violentas e agressivas, me senti totalmente representada com aquele estilo de música e as letras carregadas com verdades do cotidiano das pessoas que são da periferia, compreendi sem ninguém precisar me dizer, que o *RAP* é o grito dos excluídos que a sociedade nunca quis ouvir.

O *RAP* é um objeto de resistência e emancipação que a periferia usa para lutar contra todas as mazelas sociais vividas por essa parte da população, e acima de tudo ficou muito claro, que toda violência e agressividade apresentadas nas letras não são nada se compararmos as opressões vivenciadas cotidianamente por quem vive nos bolsões da exclusão social.

Uso minha voz e meus versos contra toda a agressão e opressão que as pessoas sofrem por não possuírem condições financeiras. Vejo o *RAP* como um objeto de luta utilizado pela periferia para protestar contra toda a negligência que existe por parte do Estado para com a população menos privilegiada. A periferia sofre constantemente e muita gente finge que não vê. Pessoas negras e periféricas morrem todos os dias e muita gente finge que não vê. Mães e pais saem da periferia cedo e voltam tarde, para fazer serviços domésticos, varrer ruas, lavar banheiros, catar lixo, para as classes privilegiadas, para ganhar um mísero salário mínimo que mal dá para a sobrevivência de sua família, e muita gente finge que não vê.

O *RAP* traz em suas letras todas as vulnerabilidades e agressões vivenciadas por essas pessoas de uma forma bem clara, sem massagem, pois diante de tantas dificuldades e opressões que passam cotidianamente, expressar em letras toda violação de direito que sofrem é uma maneira que encontram para denunciar para o resto da sociedade essas agressões.

O Governo simplesmente esquece essa parte da população, não fornecendo investimento a saúde, educação, cultura, tudo que a periferia recebe é o direito de trabalhar para enriquecer mais os donos dos meios de produção e também sofrem constante opressões por parte da polícia, que em sua maioria não se preocupa em saber se são pessoas de bem ou não, pois sempre tratam as pessoas da periferia como se fossem “vagabundos” e “desocupados”, enquanto os filhos da burguesia tem o direito de estudar nas melhores escolas e receber todo o apoio para ter cultural e lazer que são direitos essenciais para qualquer cidadão, porém esse direito é exclusivamente para os filhos da burguesia.

O *RAP* traz a verdade nua e crua da vivência periférica, uma verdade invisibilizada, que a todo custo às classes privilegiadas tentam silenciar. Ele dá voz para essas pessoas marginalizadas, e mesmo sem essas pessoas falarem nada sobre as agressões vivenciadas

cotidianamente se sentem representadas pelas letras, pois são versos que contem a realidade de pessoas que sofrem as mesmas agressões, são versos de uma classe oprimida historicamente. O *RAP* é não se conformar nem aceitar o sistema imposto, e esse é um dos motivos para ser um estilo de música tão criminalizado.

Após conhecer o rap passei a ver e viver a vida de outra forma, com outros olhos, cada música que escutava era só a confirmação de como o sistema lucra com as mazelas sociais, violência, tráfico, drogas, armas. Entendi que os verdadeiros algozes da periferia são as classes privilegiadas, e esse privilégio vem da exploração dessas pessoas, o que me causa muita revolta, pois o sistema lucra em cima dos trabalhadores e eles não recebem nenhum retorno por isso, não recebem o mínimo que seria uma vida digna, com saúde, educação, moradia, estudo.

Tudo que a Constituição Federal⁴ assegura para os cidadãos, essa parcela da sociedade que está nas periferias não recebe, e isso é algo que está visível para todos que querem enxergar essa realidade, mas como já sabemos, para o Estado a única função da classe trabalhadora é produzir e aumentar o lucro das empresas, e eles não estão ligando nenhum pouco para as condições de vida de seus trabalhadores.

Mas para além desse sentimento, compreendi como a burguesia usa grandes estratégias para alienar e dividir a população periférica, de uma forma tão sagaz consegue enganar o povo fazendo essas pessoas acreditarem que toda violência sofrida por elas é culpa das mesmas, e que o Estado sem dúvida precisa puni-las.

É muito triste ver pessoas que são das periferias pedindo por mais presídios ou ditadura militar ao invés de estarem lutando por escolas com um ensino bom, que forneçam uma educação de qualidade e digna, que mostre o estudo como o caminho correto e não o crime, pois apesar de dar uma condição de vida melhor é algo momentâneo, não sendo o caminho correto.

O lucro que o tráfico proporciona não fica na periferia, até porque quem fornece as drogas e os armamentos não é de lá, acredito que para entender que o tráfico gera muito lucro não é preciso se ter muito estudo para compreender este fato da realidade, basta apenas se

⁴ **Art. 6º** São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acessado em 20/10/2018

indagar como essas drogas e esses armamentos chegam a periferia, ao invés de gritar aos quatro ventos que o garoto que está vendendo deva ser preso ou morto

Como TADDEO (2012, p.563) explica.

[...] a proibição ainda mostra-se como estopim das batalhas que mais matam afrodescendentes na faixa etária entre 16 e 25 anos. Esse extermínio por sua vez, corresponde pela maior fonte de renda dos proprietários de editoras, já que é ele que da origem as pautas das reportagens que catapultam as vendas de suas revistas semanais, quinzenais, mensais e de seus jornais impressos. A trituração da carne pobre jovem, igualmente, é o carro chefe da grande programação dos telejornais espirra sangue, aqueles que o telespectador tem de assistir trajando capa e chuva.

Também é possível fazer uma análise da atuação da policia quando o assunto é drogas, pois se o usuário tiver boas condições financeiras e o tom de pele “fugir da ameaça” ele não é tratado de forma pejorativa e muito menos com desrespeito, o que acontece com usuários negros e periféricos, pois esses são sempre conduzidos para delegacias para assinar termos circunstanciais de usuários de drogas, quando não são agredidos fisicamente. A “guerra às drogas” que existe no Brasil não é endereçada para todos, somente para aqueles que estão nos bolsões da exclusão social. Para o pobre é reservado o direito de vender as drogas e se for pego consumindo será totalmente criminalizado independente da quantidade.

Quando uma criança morre vitima de bala perdida, quando os batalhões do BOPE ou da ROTA promovem carnificinas em favelas ou até mesmo quando um gambé bate na cara de um jovem porque a cor amarelada das pontas de seus dedos denuncia o uso de um baseado, o que está sendo defendido pelo Estado é pura e simplesmente: o racismo contra os povos que não são norte-americanos, o patrimônio do burguês e a manutenção da alta valia de coisas que antes custavam ninharias.

(TADDEO. 2012 p.552)

É como se usassem máscaras e não pudessem enxergar a realidade, essas pessoas estão conformadas e alienadas com a vida precária que vivem e isso faz com que elas não pensem, apenas reproduzam as notícias mentirosas que a mídia passa como verdade, não enxergando que são as maiores vítimas, ao invés de culpadas. Pois desde sempre são ensinadas que para se obter informação é preciso assistir ao jornal, aceitando tudo que é

passado, sem ao menos se questionar sobre as informações que são apresentadas, que em sua maioria são totalmente forjadas.

O Brasil é um dos países que a polícia mais mata, porém eles possuem um alvo certo, o pobre e o favelado⁵, sempre vão criminalizá-los mesmo não tendo provas, como é o caso do Amarildo, um pai de família que a polícia sumiu com seu corpo, infelizmente o caso do Amarildo foi só mais um, a única diferença é que teve repercussão na mídia, porém a Polícia Militar mata preto e pobre todos dias. Esse é um tema que eu sempre busco trazer nas minhas rimas, pois vivemos em uma sociedade que criminaliza o pobre. E essa criminalização vai muito além das condições financeiras, as pessoas são julgadas pelas roupas, pelo o que possuem, pela cor da pele, ou por seus traços fenóticos. Se você não tem nada, sem dúvida nenhuma será tratado como nada.

A nossa justiça é seletiva, não é para todos, e isso fica bem claro quando assistimos aos jornais e percebemos em notícias que essas pessoas que possuem condições financeiras sempre conseguem pagar a fiança do crime cometido e acabam indo para o conforto de seus lares, independente do crime, isso quando chegam a ser presos. Devemos ter consciência que essa polícia protege apenas a burguesia, que essa proteção é exclusiva para os “cidadãos de bens”, e que para a periferia o que resta é a opressão.

E sabe o que eu penso sobre isso?

[...]Vivemos a maior contradição.

Pois quem mata a periferia, deveria proteção.

Ação despreparada é o que vemos dos porcos de farda.

Que já chega com a glock engatilhada, e não pensa em mais nada.

Sempre culpam nosso povo, sem educação nos fazem de bobos.

Desde a escravidão nada mudou, é preto e pobre enriquecendo os doutor.

Branco, com dinheiro e gravata, pede a tortura do meu povo e nos mata.

⁵ De cada 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, 71 são negras. Jovens e negros do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra. Cerqueira e Coelho (2017), a partir de análises econométricas com base nos microdados do Censo Demográfico do IBGE e do SIM/MS, mostraram que a tragédia que aflige a população negra não se restringe às causas socioeconômicas. Estes autores estimaram que o cidadão negro possui chances 23,5% maiores de sofrer assassinato em relação a cidadãos de outras raças/cores, já descontado o efeito da idade, sexo, escolaridade, estado civil e bairro de residência. Cerqueira e Coelho mostraram que, do ponto de vista de quem sofre a violência letal, a cidade do Rio de Janeiro é partida não apenas na dimensão econômica entre pobres e ricos, ou na dimensão geográfica, mas também pela cor da pele. Ao calcular a probabilidade de cada cidadão sofrer homicídio, os autores concluíram que os negros respondem por 78,9% dos indivíduos pertencentes ao grupo dos 10% com mais chances de serem vítimas fatais. < <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>> Acessado em 14/04/2018

Sempre esquecem que o verdadeiro ladrão não tá na prisão.
Mas sim comandando o país roubando da saúde e educação.
O rico aqui nunca é punido, me lembro do índio queimado que não foi socorrido.
Galdino infelizmente faleceu, mas os riquinhos que o matou todo mundo esqueceu.
Vivemos em um sistema falido, que sempre o pobre é o oprimido.
Pros nossos erros é caixão ou prisão, mas pro playboy branco só tem luxo e
diversão[...] (LORAK, 2018)

É por meio dos meus versos que denuncio tudo que acho de errado, a minha voz é uma resistência contra esse sistema colonizador e patriarcal que vivemos até hoje, utilizo minha voz para denunciar todas as violações de direito que a população periférica sofre pelo simples fato de não possuírem condições financeiras e a cor da pele que nossos algozes possuem, sempre somos criminalizados por dizer a verdade, por ir contra tudo aquilo que é passado na TV, somos criminalizados por estudar, na verdade todo favelado que ocupa um lugar que é destinado socialmente para um playboy é criminalizado.

Ser MC é não ter medo de denunciar toda a vulnerabilidade sofrida pelas pessoas que estão nas mesmas condições ou em piores que a minha, é não se preocupar com os olhares e caras feias dos filhos da burguesia por você estar questionando algo que deveria ser apenas aceito por nós. Ser Mc é ir contra todo um sistema estrutural que ensina para as pessoas menos privilegiadas que após a conclusão do ensino médio, medíocre que é destinado para nós, que devemos arrumar um mísero emprego, para ajudar nas despesas do lar, enquanto os filhinhos de papai vão para as universidades, com seus carros novos, adquirir conhecimento para conseguirem novas formas para nos explorar, e através dessa exploração aumentarem suas fortunas.

Você não se torna um Mc de uma hora pra outra, acredito que você já nasce com esse dom, porém é algo que requer dedicação e estudo para se aprimorar e ao longo da sua vida você vai se reconhecer como tal, até porque quem vem da periferia tem duas opções ao longo da vida, se conformar, ou lutar por melhorias, e eu sem dúvidas nunca vou me calar perante alguma injustiça, mas sempre me lembrando que o Brasil vai marginalizar e criminalizar as vozes periféricas que não aceitam a realidade imposta.

Esse inconformismo com a realidade me fez conhecer várias pessoas que não aceitam a realidade imposta para a periferia e usam seus dons artísticos para mostrar para o Estado que não estão satisfeitos com tudo que é imposto, e através da arte reivindicam seus direitos,

sabendo que a cultura é uma forma de articulação e mobilização política que pode levar à emancipação dos indivíduos por meio da representação de tudo aquilo que o homem aprendeu em contato com sociedade, podendo se expressar de forma individual ou coletiva.

O primeiro coletivo que conheci e mudou minha vida foi a Batalha das Gúrias (BDG), conheci a BDG no final de 2015, e desde que eu batalhei pela primeira vez neste espaço passei a me impor mais, tanto no mundo musical quanto nas relações no cotidiano, esse coletivo apareceu na minha vida para me dar mais coragem, me mostrando na prática o que é o empoderamento feminino, fazendo com que eu perdesse o medo e me incentivando a ir pra luta, mas como linha de frente, que sabe muito bem quais são os objetivos que desejo alcançar.

Estar inserida em um ambiente onde as mulheres são unidas é algo completamente inovador, pois quebra todos os paradigmas impostos pela sociedade, que diz que uma mulher deve ser inimiga da outra, assumindo um papel de cuidado com cada mulher ali presente. Conviver com mulheres compartilhando o espaço e as dificuldades impostas pela sociedade ajuda a criar uma resistência coletiva resultando no fortalecimento, tanto das mulheres quanto do coletivo, pois as mulheres se colocam no lugar uma das outras, pois sabem que as opressões vivenciadas nas batalhas são apenas um reflexo da realidade vivida pelas mulheres no dia-a-dia.

As mulheres foram ensinadas a ter medo dos homens, foram doutrinadas a ouvir “cantadas”⁶ dos tipos mais chulas e nojentas e se silenciar. Só que eu estava cansada de me calar, cada vez que me silenciava era como uma ferida que abria dentro de mim, e essas feridas não iam parar de incomodar enquanto eu mesma não assumisse uma postura diferente da que me foi ensinado, me calar, pois eu já estava cansada de olhares que objetificam a mulher, saturada de homens que poderiam ser meus avôs mexendo comigo na rua como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Todos os dias mulheres são mortas, estupradas, feridas, culpabilizadas pelos homens, na maioria das vezes homens que são bem próximos, pais, irmãos, tios, namorados, homens que oprimem mulheres, que causam transtornos, homens que dizem assumir tal postura por amor e proteção, mas esses sentimentos passam bem longe do amor. E eu sabendo que

⁶ Assédio sexual é todo o comportamento indesejado de caráter sexual, sob forma verbal, não verbal ou física, com o objetivo ou o efeito de perturbar ou constranger a pessoa, afetar a sua dignidade, ou de lhe criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador. <
<http://cite.gov.pt/acite/dirdevtrab005.html>> Acessado 05/11/2018

poderia denunciar essas opressões através da minha voz, não ia me calar, e utilizaria os espaços das batalhas para fazer essas denúncias.

Quando uma mulher chega nas rodas para batalhar, é algo fora do comum, pois não é normal uma mulher batalhando, o que deveria ser. E justamente por causa desse espaço tão sexista foi preciso criar um coletivo de mulheres para elas se fortalecerem e lutarem contra toda a segregação no movimento Hip-Hop.

Existem muitas pessoas que não conhecem esse espaço de batalhas de freestyle, e outras que até conhecem, porém tentam desqualificar mulheres desmerecendo suas rimas, falando que lugar de mulher não é em batalha, muitas vezes se tornando uma disputa de gêneros, onde os homens na maioria das vezes votam em homens, mesmo eles apresentando um discurso opressor. E eu uso desse discurso alienado para deixar o meu recado:

De saia curta, bermuda ou burca
O homem sempre vai ter uma desculpa
Para agredir uma mulher e chamar ela de puta
Estou aqui pra combater essa alienação mental
Que faz o homem ver a mulher como objeto sexual
Isso ta errado, e deve ser cobrado
Preste atenção nas suas atitudes ô meu chegado
Falar todo mundo é capaz
Mas no final, quem faz?
Não faz! E não estão fazendo
O que mais vejo é Mc falando de feminismo pra continuar se promovendo
As minas tão vendo e não vão mais ficar caladas
Cansadas de serem objetificadas, sempre rebaixadas
Tamo ocupando um lugar que é nosso por direito
Relaxa e não se preocupa que as minas fazem direito
Nois não é só bunda e peito
Diferente do escroto mando meus versos com conceito
Meto o pé na porta e caio pra briga, foi-se o tempo que as mulheres só lavavam
vasilhas[...] (LORAK, 2017)

Estar nas batalhas foi a melhor arma que criei para lutar contra todo o autoritarismo e sexismo imposto para as mulheres, principalmente as periféricas. Eu passei a não me preocupar mais se as pessoas iam gostar das minhas ideias ou não, se seria aceita, eu apenas

falo e faço não compactuo com aquilo que está errado. Passei a ter voz por mim mesma, mas uma versão melhorada, uma versão que não liga para as críticas, pois elas não me abalam mais, da mesma forma que os elogios não me influenciam, pois eu sou o que sou, não o que falam de mim.

O segundo coletivo que conheci e também mudou minha vida foi a Batalha da Escada (BDE), que acontece toda quarta-feira na Universidade de Brasília há aproximadamente três anos e meio. Por acontecer em uma universidade que é um ambiente totalmente elitista senti uma grande necessidade de trazer as pautas da periferia e do hip-hop para este espaço, pois a maioria das pessoas que frequentam a batalha não sabem da situação da classe trabalhadora e das cidades satélites, pois a realidade de quem mora às margens da capital não faz a menor diferença em suas vidas, ressaltando que muitos nunca nem saíram de Brasília para conhecer realmente o que é o Distrito Federal.

A grande maioria não sabe o que é acordar de madrugada para enfrentar transportes públicos lotados para chegar cedo nas aulas, sabendo que a maioria esmagadora que frequenta a BDE mora bem próximo da universidade e não precisa se preocupar com transportes, pois quando passou na universidade os pais deram um carro como forma de parabenizá-los. Para eles estar na universidade não é nada de mais, para muitos é até um hobby porque na verdade não precisam se preocupar com dinheiro, ou como seguiram suas vidas no mercado de trabalho, pois os pais possuem ótimas condições financeiras e dinheiro para eles nunca foi o problema.

Este fato se torna cada vez mais nítido quando percebemos os desmontes causados na educação, e na própria universidade, ao qual milhares de terceirizados são demitidos e a única coisa que esses burgueses reclamam e pelo fato de ter papel higiênico espalhado nos banheiros, ou porque alguém não limpou os corredores que eles passam, não percebendo que são pais e mães de família, que estão perdendo o sustento do lar, ou quando os alunos decidem fazer greve para combater essas atrocidades e eles dizem que devemos respeitar suas aulas.

A verdade é que eles não estão nenhum pouco preocupados com o caminho da privatização que a universidade está seguindo, pois como já falei anteriormente o dinheiro para eles não é problema, se privatizar a universidade eles vão continuar frequentando pois possuem condições de financiar o estudo, se esquecendo que educação não é mercadoria,

infelizmente para essa parcela da população, tudo se torna mercadoria , pois eles são os primeiros a pagar aquilo que os convém.

Quando decidi me inserir neste espaço eu tive plena certeza que não precisaria ter cuidado com o vocabulário ou expressões, pois são apenas meios que uso para dar voz às pessoas que são silenciadas todos os dias, eu tenho a certeza que não preciso ter cautela ao expor meus pensamentos e meu ódio e revolta pelos playboys para ser aceita em algum lugar, até porque tudo que eu luto e faço referência em minhas rimas estão ligadas diretamente a várias opressões sofridas pelas classes menos privilegiadas, e quem não se preocupa ou não tem a menor empatia com o assunto não vai fazer a menor diferença na minha vida, pois eu luto pelas pessoas que os privilegiados finge não existir, ou que só conseguem notar sua existência quando precisam de um serviço doméstico ou que para eles seria “desqualificado” para sua posição social.

Minha voz é como se fosse uma arma engatilhada que dispara verdades que são escondidas, as mazelas sociais são fruto de uma estratégia política dos ricos para roubar mais, quando se tira dinheiro da educação, da saúde, da cultura e do lazer, quem ganha com isso são as classes privilegiadas, pois além de tirarem esses direitos ainda conseguem alienar mais essas pessoas, a burguesia só se preocupa em aumentar a quantia de suas fortunas, enquanto o povo da periferia vive na miséria, frustrados sem nenhum incentivo para viver, levam uma vida miserável, trabalhando demais e recebendo cada vez menos, quantias que mal dá pra sobreviver e manter as despesas da família.

Uso meus versos como um filtro, que serve para dividir as pessoas que fazem ou não diferença na minha vida, pois ao assumir essa postura destemida e despreocupada com a visão alheia é possível perceber que essa atitude atrai pessoas que lutam pelas mesmas causas, pois quando uma pessoa que sofre as mesmas violações que trago em minhas letras ela se identifica com a situação e acaba lutando pelas mesmas melhorias de condição de vida, porém da mesma forma distancia aqueles que colaboram para que essas opressões sejam mantidas na sociedade, pois elas não estão preocupadas com esses fatos, pelo contrário querem que essas mazelas se perpetuem, pois além de não sofrerem nenhum tipo de punição ou reação lucram com a miséria da periferia.

E essa divisão é feita da forma mais natural possível, ela começa com os olhares de quem não aceita mulher em espaço que é destinado historicamente aos homens, passando

pelas opressões de classe e terminando em um discurso de meritocracia. E eu sei muito bem quem é e em que lugar querem chegar essas pessoas, e é justamente por este fato que não fazem a menor diferença na minha vida.

A minha proteção contra esse tipo de pessoas e opressões é justamente as minhas rimas que são um mecanismo de defesa que criei para poder me expressar da forma literal que me revolto com as pessoas e o sistema, sem precisar de nenhum tipo de maquiagem, uma parte que não precisa se adequar às pessoas, que não se importa com o sentimento do outro, pois de uma forma clara, o errado é cobrado, comigo não tem meias palavras, não preciso de um disfarce de bela e recatada. Eu não espero agradar ninguém, pois meu foco é fazer quem escuta minhas rimas raciocinar, pensar, eu não espero reconhecimento algum.

Quando eu entro em cena nas batalhas e denuncio algo que está errado na sociedade em minhas rimas sou reconhecida, positivamente ou negativamente pelas minhas ideias, e quase sempre as pessoas da plateia vão se sentir no direito de fazer julgamentos baseados naquele momento, mas eu não sou de me importar com ninguém, toda vez que vejo alguém falando alguma coisa que se encaixa como opressão na minha cabeça eu vou cobrar, vou dizer que está errado e não vou me preocupar em saber o que levou aquela pessoa a ter tal ideia, eu julgo o que é passado na hora, sem me preocupar com antecedentes.

Sou explosiva e falo o que sinto não me preocupo com os outros, sempre uso o microfone pra mandar aquele recado e cutucar quem anda fazendo ou falando besteiras, acima de tudo eu não demonstro muitos sentimentos e sempre uso aquilo que poderia me ferir como um incentivo para ter mais raiva e violência em meus versos. Eu vejo as batalhas como um espaço de luta, que as mulheres precisam se impor e mostrar através de suas rimas as opressões que sofrem, ocasionando na ocupação dos espaços.

Não me importo em ver homens gritando para rimas opressoras de outros homens quando batalho, pelo contrário, eu sei bem que cada vez que os homens gritam mais alto para meu concorrente, tenho a plena certeza que tudo que foi passado em minhas rimas afetou diretamente esse tipo de homem que não consegue ver a mulher como um ser humano, mas que sempre vê-la como alguém inferior ao homem, e que em hipótese nenhuma uma mulher deva se sair melhor que um homem, em qualquer situação, aquele tipo de homem que usa “mulherzinha” para tentar ofender outro homem.

O barulho que eles fazem contra mim é como se fosse para justamente para mim, pois eu sei que quanto maior o grito deles, mais raiva eles sentem em ver uma mulher denunciando atitudes que eles assumem constantemente, só tenho mais certeza ainda que minha missão está se cumprindo, pois na verdade pouco me importa se vou ganhar ou perder, o que eu realmente quero é o meu espaço, quero mulheres entendendo que não são inferiores aos homens e que podem sim fazer o que elas quiserem de suas vidas, e para além das mulheres quero que as pessoas periféricas consigam perceberem que toda a força estão na mão delas e que elas precisam lutar e dizer não para todo esse sistema imposto, que vê o pobre apenas como uma mão de obra.

Sem dúvida nenhuma as batalhas de rima são um espaço opressor para as mulheres, e isso pode-se perceber quando observamos que das 16 vagas disponíveis para MCs, todas são ocupadas por homens, passando despercebido entre eles, mas este é só um dos motivos. Quando uma mulher que está na plateia assiste uma batalha de outra mulher rimando, ela consegue se sentir totalmente representada, só por ter uma mulher em um espaço que é destinado historicamente para os homens.

As mulheres do público conseguem reconhecer, que aquela mulher que está ali batalhando está representando todas as mulheres que estão na plateia, e quando essa Mc além de ocupar o espaço traz em suas rimas um discurso contra a opressão e diz que as mulheres devem ocupar os espaços que foram retirados delas, a parte feminina da plateia consegue compreender que mesmo não fazendo parte do universo das rimas, elas devem ocupar todos os espaços que foram retirados delas, pois se cada uma ocupar o lugar que se sente bem de acordo com suas habilidades, sempre haverá mulheres representando uma as outras.

Quanto mais espaços ocupados por mulheres maiores serão a representatividade, pois esses espaços hoje ocupados são frutos de muitas lutas, pois sabemos que as mulheres nunca receberam nada de mãos beijadas, e quando uma mulher se sente representada em algum espaço que ela não está inserida ela também começa a se sentir capaz de lutar pelos seus direitos, e de representar outras mulheres no espaço que está inserida, isso em todos os ambientes.

As mulheres não devem se conformar com o sistema machista imposto, pelo contrário devem lutar e mostrar que não aceitam tudo aquilo que é estruturalmente misógino na sociedade e que as afeta diretamente todos os dias. As mulheres devem ter uma vida social,

um emprego digno, que receba o equivalente pelo seu trabalho, a mulher não tem a obrigação de cuidar da casa e dos filhos enquanto o seu companheiro trabalha e traz o sustento para o lar, elas devem lutar por sua liberdade de forma literal em todos os âmbitos. E não são apenas as mulheres que devem lutar contra esse tipo de opressão imposta que deseja determinar todas as nossas condutas. Todas as minorias que são afetadas diariamente por este sistema desigual devem lutar para serem livres, para fazer aquilo que desejam sem nenhum tipo de opressão.

Quando eu rimo meu objetivo é dar voz para essas pessoas que são criminalizadas, marginalizadas a todo instante pela sociedade, busco dar voz pra quem sempre é invisibilizado, como por exemplo, uma pessoa em situação de rua que além de enfrentar uma miséria extrema muitos ainda não o reconhecem como um ser humano que possui direitos, ou uma mãe que em uma situação desesperadora pede para traficantes locais inserirem seus filhos em atividades do crime pois preferem essa alternativa do que vê-los morrendo de fome.

Uso meus versos na esperança de que as pessoas afetadas pelo sistema consigam compreender que existe uma guerra declarada a população menos privilegiada e que se deve lutar para garantir os direitos e os espaços que de nós são retirados. A minha voz é um protesto contra todo o retrocesso que enfrentamos nos dias de hoje., é o grito de vários excluídos que a sociedade finge não escutar e ver. A minha voz é uma bomba de verdade lançada na cara de todos aqueles que de alguma forma perpetuam as opressões vivenciadas por quem vive nos bolsões da exclusão social.

Como diz TADDEO (2012, p. 49):

“Ninguém está a salvo! Ninguém é mero expectador! Todos somos soldados esperando a hora de entupir o pente da pistola para entrar em combate! Todos somos mutilados pelos embates cruentos! Todos somos adaptados à atmosfera de ódio extremo! Todos nós brasileiros vivemos pacificamente em guerra, num “paraíso” que cheira a carne humana queimada, misturada com borracha de pneus”.

Eu quero representar aquelas pessoas que não acreditam mais ter uma saída para tanta miséria que vivem, que não se sentem motivadas a viver pois sempre se encontram em situações precárias e apesar de levantarem cedo e voltarem tarde para suas casas, todo o salário que recebem serve apenas para pagar as contas sem sobrar se quer algum trocado para dar um passeio com a família ou comprar um brinquedo que seu filho viu na televisão. Uso

meus versos para denunciar toda corrupção que o nosso país enfrenta, onde os políticos não pensam no bem estar da população que os elegeram apenas rouba o dinheiro dos investimentos sociais, tornando a vida dessas pessoas cada vez mais precárias, e além de roubar os direitos sociais eles desejam que essa parte da população que já é tão marginalizada aceite esses ataques à dignidade humana sem reclamações, pois quando elas se revoltam e fazem protestos exigindo o que é delas por direito e lutando contra essa precarização eles mandam a polícia, o braço armado do Estado, para nos reprimir, como se elas fossem os verdadeiros “vândalos”.

Outra grande prova dessa corrupção pode ser observada quando nas grandes mídias passam reportagens falando de drogas e armas e pedem pela redução da maioridade penal como se essa fosse a melhor solução, sem ao menos se questionarem como essas drogas e essas armas foram parar em comunidades onde a maioria das pessoas que moram ali não possuem sequer o que comer e estão inseridas no tráfico justamente para manter sua sobrevivência, já que o mercado de trabalho infelizmente não é para todos.

Sei bem que se você não pertence às classes privilegiadas você vai sofrer, e se você é mulher e negra esse sofrimento só triplica, pois no sistema em que vivemos quando se tem dinheiro tudo se torna mais fácil e bem aceito pela sociedade, e isso acontece porque vivemos em uma sociedade que prefere dar mais importância para fortunas, do que para a vida.

O dinheiro na nossa sociedade é capaz de comprar o que as pessoas podem ou não fazer, compra a liberdade e a decisão se está certo ou errado. O dinheiro aqui vale muito mais que as vidas, pois se essas vidas são de pessoas que estão à margem da sociedade elas só vão servir para gerar lucro, e são facilmente substituídas.

Quero trazer um exemplo que por fazer parte da minha realidade me mostra perfeitamente como as classes dominantes podem comprar tudo o que elas quiserem, é só observar alguns Rap da atualidade, quando paramos para escutar alguns grupos é possível perceber que os filhos das classes privilegiadas se apropriaram do movimento cultural hip-hop que é um movimento cultural negro e desejam embranquece-lo, transformando as letras de resistência em letras que apenas refletem a vivência dos ricos, letras que incentivam o luxo, consumo e a ostentação, se distanciando totalmente do verdadeiro sentido e ideologia do rap.

Os filhos da burguesia querem cantar algo que não vivem, não tem como eles cantarem sobre periferia sendo que a única coisa que eles conhecem são as biqueiras, e

quando vão às favelas nunca estão lá quando o bicho realmente pega, sempre tiram fotos e postam em suas redes sociais querendo mostrar que são periféricos, como se tivesse virado moda ser favelado, mas quando o perigo se aproxima eles entram em seus carros e vão para o conforto e a segurança de suas casas, enquanto os verdadeiros periféricos ficam lá a mercê do despreparo da polícia, da miséria e da falta de investimentos sociais.

Mas mesmo assim os playboy querem ocupar esse espaço que é de luta e contestação do povo negro e periférico, querem transformar nossas lutas em algo sem valor, eles não conseguem entender as opressões relatadas das letras de quem vivem nos bolsões da exclusão, pelo fato de que isso não faz a menor diferença na vida dessas pessoas, pois sempre que vão aos hospitais são atendidos, por não precisarem do Sistema Único de Saúde que está totalmente sucateado, sempre estudam nas melhores escolas e possuem incentivo para estudar, nunca vão entrar em alguma loja e serem seguidos pela sua cor de pele, e principalmente nunca vão sofrer uma abordagem policial violenta e despreparada por suas vestimentas, tom de pele, ou pelo lugar que mora.

Aqueles que vivenciam as vulnerabilidades causadas pelo modo de produção capitalista e mantidas pelo Estado burguês cotidianamente não podem se calar e aceitar toda essa apropriação da cultura por parte dos ricos, elas devem lutar e ir contra essas situações impostas não aceitando que esses filhos da burguesia ocupem um lugar que é nosso por direito, um local que utilizamos para fazer denúncias e conseguir posições sociais em uma sociedade que não dá o menor valor para quem mora nas margens dos grandes centros. O rap não é um espaço para quem deseja fama, o rap é um espaço para quem luta por igualdade e emancipação daqueles que sempre sofreram nas mãos das classes privilegiadas.

Além da apropriação dos espaços de fala, da cultura, das roupas e gírias os filhos da burguesia também querem ocupar os locais de luta da periferia, deturpando e modificando tudo aquilo que demoraram muito tempo para construir. Tirando valores periféricos e colocando no lugar tudo aquilo que para a periferia é superficial, mas que para as classes privilegiadas é primordial. A parte periférica da sociedade possui vários motivos para ocupar os espaços que lhes foram negados, lugares que são delas por direito, mas foram retirados pela imposição e autoritarismo da classe dominante.

A periferia não deve aceitar esses espaços destinados socialmente, pois elas possuem o direito a esses espaços e muito outros, não devem se submeter mais a entrar pelos fundos ou

só pelo elevador de serviço, durante muito tempo as pessoas periféricas foram excluídas da sociedade, foram obrigados a ocupar lugares subalternos e exercer funções que as classes privilegiadas destinavam, tirando o estudo totalmente do alcance e fornecendo profissões cada vez mais especializadas em apenas uma função, para não se ter o conhecimento amplo além do que eles permitiam.

Historicamente as classes menos privilegiadas sempre foram extorquidas e roubadas, e a única forma de dizer que não aceitamos mais este tipo de opressão é impondo nossa voz e indo para o combate, para mostrar que ocuparemos todos os espaços que nos foram retirados e que usaremos de todos os artifícios e dons que possuímos para sair dessa zona invisível da sociedade que querem nos colocar diariamente.

Durante muitos anos fomos colocados na posição dos submissos, onde não tínhamos o direito a nada, apesar de nos dias de hoje ainda não possuímos acessos a bens materiais ou condições melhores de vida, podemos em tese ao menos o direito de protestar, podemos usar todos os artifícios e dons para mostrar para o resto da sociedade como a periferia é invisibilizada, só que para assumir essa postura de resistência as pessoas devem estar preparadas, pois o Sistema não gosta de ver um pobre favelado reivindicando direitos e lutando para que mais pessoas que sofrem as mesmas violações acordem e se juntem na luta por melhorias e condições dignas de vida.

O rap é uma forte ferramenta para lutar contra todas as violações de direito que a periferia sofre constantemente, as batalhas são uma disputa de espaço de quem está ali por conveniência e de quem está ali por convicção, pois quem é atacado todo dia pelas repressões do Estado não vai perder o tempo que tem de denunciar esses ataques fazendo gracinhas ou tentando provar que é o melhor nas rimas e nos versos, quem é da periferia rima com a convicção de mudança, rima pelo desejo de ver seu povo tendo uma vida digna, moradias melhores, uma saúde e educação de qualidade, lutam por uma equidade social.

Esse espaço não é um espaço branco, pois ele possui a cor, as lutas, as gírias, as ideologias, enfim, este espaço é completamente negro e periférico, e não adianta esses filhos da burguesia tentarem se apropriar do movimento dizendo que o rap é universal, e que está ali para todos, pois não está! Esse movimento tem uma cor, e uma ideologia e eles não conseguiram usurpar tudo aquilo que nossos ancestrais demoraram muito tempo para construir. O Rap é negro e periférico e por mais que os playboys tentem ocupar este lugar, ele

nunca será deles, mesmo possuindo os melhores equipamentos e profissionais, entendam que o hip-hop é um movimento de resistência negro e periférico!

E por ser justamente um lugar de resistência e luta que as mulheres também possuem o direito e dever de ocupar o espaço, trazendo suas pautas e demandas, mesmo que para isso seja preciso passar por cima de qualquer, machista, racista e playboy que ousar atravessar nosso caminho para nos conter! Esse é um espaço de empoderamento e emancipação, quem o ocupa deve estar por pura convicção e não apenas por conveniência! Aceita que dói menos, pois eles não passarão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante a reafirmação do Hip-Hop como movimento de resistência negra e periférica para melhor compreensão do contexto que está inserido de desigualdade social, opressão e exclusão das minorias.

Como expressão dessas desigualdades não só de classe, mas também de gênero a BdG aparece como uma dessas manifestações do Hip-Hop, através das batalhas de rima, com o objetivo de empoderar as mulheres e prepara-las para o cenário encontrado na grande maioria das batalhas, que exclui e desqualifica a atuação feminina, como reflexo da sociedade machista e patriarcal em que vivemos.

A Batalha das Gurias leva a proposta para mulheres de que o entendimento sobre a atuação e participação feminina nesses espaços é mais importante do que o ato de ganhar os duelos. O posicionamento de confronto da mulher diante das opressões vivenciadas nas batalhas se torna muito mais efetivo para uma mudança desse contexto sexista, sempre afrontando os pensamentos masculinos, que naturalmente as excluem.

Visando o bem estar feminino, a intenção não é criar abismos entre gêneros, nem segregações entre as batalhas, mas sim elevar o patamar da discussão sobre a representação das mulheres não só nas batalhas, mas sim na sociedade como um todo. Quando mulheres se inserem em espaços que antes lhes eram negados colocam em destaque pautas que não são abordadas em batalhas mistas e muito menos no cotidiano.

As mulheres geralmente apresentam em seus versos fatos do cotidiano que afetam não só sua existência, mas opressões em geral. Esse rap é feito por e para mulheres periféricas.

É muito importante ressaltar que a construção e manutenção de uma batalha exclusivamente feminina não isentam as mulheres de passarem por situações machistas, muito menos ser uma ferramenta excludente do patriarcado presente não só nas batalhas, mas no Hip-Hop como um todo. E mesmo com esse cenário de opressão imposto as mulheres não aceitam o local que a sociedade sempre destinou para elas e buscam pelo seu direito de ter e dar voz, não só por elas mas também para outras mulheres que sempre foram silenciadas.

Como fruto dessa postura de enfrentamento as mulheres conseguem perceber que existem homens do mundo do Hip-Hop que estão dispostos a compreender de fato a participação das mulheres no mesmo patamar que eles, por ela ser mulher não significa ser inferior, muito pelo contrario, podem ser superior ao homem em inúmeras atividades. Esses

homens conseguem rever o posicionamento machista, sexista e patriarcal que assumiam e que é defendido até pela sociedade, mudando seu ponto de vista, acabam encontrando base nas batalhas em que mulheres participam para se informar e driblar as barreiras sexistas construídas pela sociedade.

Consigo compreender que esse espaço de luta é muito importante para as mulheres, pois durante um longo período da história as mulheres sofriam agressões e não podiam sequer lutar para a garantia de seus direitos, não podiam se manifestar, apenas aceitavam caladas. E esse cenário não é mais o mesmo, as batalhas mistas entre um participante masculino e um feminino é a pura representação de como as mulheres assumiram um local de fala na sociedade.

As mulheres passam a vida quase toda escutando os mesmos argumentos, sobre o que uma mulher pode ou não fazer, mas são sempre os homens que querem assumir essa postura de comando. A mulher como dona de si e de suas escolhas consegue rebater, mostrando que na realidade as mulheres não devem aceitar tudo aquilo que sempre foi imposto moralmente.

Só de ter mulheres em batalhas já é uma grande afronta, pois esses espaços nunca foram pensados e destinados para as mulheres. Quando uma mulher se propõe a batalhar em duelos mistos ela tem ciência que sua participação naquele ambiente não mudará pensamentos e atitudes estruturais machistas e muito menos conseguirá superar a linha patriarcal que impera nesses ambientes.

Porém a representatividade que aquela mulher tem é algo que só as mulheres vão poder compreender, aquela mulher que está batalhando está representando não só ela, mas sim todas as mulheres que ali estão e também as que não estão. Aquela mulher é a mais pura representação de que os tempos mudaram aquela “mina” com o microfone na mão é a forma mais bonita e representativa de mostrar e dizer para a sociedade, que por muito tempo determinou a forma que as mulheres deveriam viver.

As mulheres de hoje estão ocupando todos os lugares que são delas por direito, estão ocupando lugares que nunca deveria ter sido tirado de nós. As mulheres de hoje em dia vão e fazem o que bem entendem, pois sabem que não precisam de aprovação ou autorização de um homem, afinal temos plena consciência QUE LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Marianna. **Hip-Hop: uma batida contra-hegemônica na periferia da sociedade global**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0870-1.pdf>> acessado: 17/05/2018

BARBOSA, Lícia. **O Hip-Hop Sob o Olhar das Mulheres: aproximações com o feminismo negro?** Salvador. 2011. Disponível em <<https://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/o-hip-hop-sob-o-olhar-das-mulheres-aproximac3a7c3b5es-com-o-feminismo-negro.pdf>> Acessado 17/05/2018.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. *Estud. av.*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, dez. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acessado em 25/09/2018

COSTA, Ana Alice Alcantara. **O movimento feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção política**. *Gênero*, v. 5, n. 2, p. 9-35, RJ/Niterói, 2005.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

Bell hooks, **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/0B5d7bVC4xd7cM3lrSVI4aDVMMjA/view>>

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada. **Atlas da violência**. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017> Acesso: 17/04/2018

JÚNIOR, Francisco. **HIP HOP Como Identidade Cultural Negra e Periférica A Aversão de Rappers Brasileiros à Rede Globo**. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, orientada pela Doutora Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha, apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra 2014.

MATSUNAGA, S. P. **Mulheres no Hip Hop: identidades e representações**. 2006. 209f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Campinas, Campinas, 2006.

MIRANDA, Cynthia Mara. **Os movimentos feministas e a construção de espaços institucionais para a garantia dos direitos das mulheres no Brasil**.

MOREIRA, Laura Veridiana Fleury. Reportagem - **RAP e poesia: diálogos urbanos**. 2014.

ROSA, W. **Homem de Preto do Gueto: um estudo sobre a masculinidade no Rap brasileiro**. 2006. 97f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília, 2006.

SILVA, Marianna. **PROCESSOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS CONTRA-HEGEMÔNICOS NAS FAVELAS CARIOCAS: uma análise do movimento hip-hop**. Rio de Janeiro 2007. Disponível em <http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1730/1/MSilva.pdf>

SILVA, Nik. **HIP-HOP: Das periferias para o mundo**. Disponível em <http://monkeybuzz.com.br/artigos/13886/hip-hop-das-periferias-ao-mundo/> Acesso em 12/02/2018.

TADDEO, Carlos. **A guerra não declarada na visão de um favelado**. São Paulo. v.1. 2012.

TAVARES, Breitner. **Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal**. Soc. estado, Brasília, v. 25, n. 2, p. 309-327, ago. 2010.

SANTOS. Eduardo. **HIP-HOP E AMERICA LATINA Relações entre cultura, arte e emancipação**. 573f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília, 2017.

SILVA. Rafael. **[RAP]ORTAGEM BdE: Um documentário sobre a Batalha da Escada**. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de Brasília, 2017.

MOURA. Arthur. **O Ciclo dos Rebeldes Processos de mercantilização do rap no Rio de Janeiro**. 169f. . Dissertação de Mestrado - Universidade do Estado do rio de Janeiro, 2017.
Disponível em
<<https://www.bocadaforte.com.br/wp-content/uploads/2018/02/O-Ciclo-dos-Rebeldes-processos-de-mercantiliza%C3%A7%C3%A3o-do-Rap-RJ-FINAL.pdf>> acessado em 03/07/2018

PAOLI, Maria Célia. **Movimentos sociais no Brasil: Em busca de um estatuto político**. In: HELMANN, Michaela (org). Movimentos sociais e Democracia no Brasil, São Paulo:Marco Zero, 1995.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **Meninas do grafitti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas**. 2004. Tese. (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

Comissão para igualdade no trabalho e no emprego.<
<http://cite.gov.pt/pt/acite/dirdevtrab005.html>> Acessado 05/11/2018